

Andreas Urban

## VELHICE (ENVELHECIMENTO) E DISSOCIAÇÃO-VALOR

### Linhas gerais para uma teoria crítica da velhice e do envelhecimento na sociedade produtora de mercadorias

*O artigo lida com um âmbito da vida, que é também uma relação social de desigualdade e de exclusão, até hoje muito raramente abordado no contexto da crítica da dissociação-valor: a velhice (envelhecimento). Ele tenta mostrar que também a velhice e o envelhecimento podem ser analisados no contexto da dissociação-valor, e que a teoria da dissociação-valor pode contribuir decisivamente para uma melhor compreensão de fenómenos tais como a hostilidade aos idosos, a discriminação dos idosos, o anti-envelhecimento, etc., amplamente difundidos nas sociedades capitalistas, e que moldam decisivamente o trato social e individual com a velhice e com o envelhecimento, enquanto componente essencial da existência humana. A sua tese é que a velhice e o envelhecimento não se enquadram no processo de valorização, sendo este não enquadramento da velhice constituído principalmente pela exclusão das pessoas idosas do trabalho abstracto, o que no capitalismo desenvolvido assumiu a figura da instituição da idade da reforma. Neste contexto, ele fala de uma "dissociação da velhice" especificamente capitalista, como um princípio profundamente enraizado na estrutura das sociedades produtoras de mercadorias, do qual decorre, em última instância, um contexto social estrutural fundamentalmente inimigo da velhice e sistematicamente excludente e discriminatório das pessoas idosas. Este conceito de dissociação da velhice, característico das sociedades capitalistas, é desdobrado em suas dimensões material-estrutural, cultural-simbólica e psicossocial. Urban esclarece ainda, numa segunda secção maior, as actuais tendências pós-modernas de uma "activação da velhice" sócio-política, no contexto da globalização, do neoliberalismo e das alterações demográficas. Ele mostra que nestes processos, que no plano da aparência também vão de par com uma positividade superficial do discurso sobre a velhice (assim se fala, há anos, na ciência e na sociedade, de uma velhice "activa", "competente" ou "produtiva", dos "potenciais dos idosos", dos "idosos jovens", etc.), se trata em primeiro lugar de uma mudança imanente na forma da moderna "dissociação da velhice", através da qual se chega a uma significativa escalada e intensificação da hostilidade capitalista à velhice, numa "cultura anti-envelhecimento" pós-moderna. Isso manifesta-se, em particular, numa tendência da sociedade no seu conjunto para a "ausência de idade", bem como para o surgimento de uma indústria anti-envelhecimento em escala cada vez maior. (Apresentação do texto na revista exit! nº 15)*

**A velhice dissociada \* A constituição histórica da velhice no capitalismo \* Os velhos supérfluos \* A "improdutividade" e o "peso dos custos" como principais vertentes do moderno discurso sobre a velhice \* O eu sem idade \* Psicologia social da superfluidade \* Velhice (envelhecimento) sob o signo da activação neoliberal \* "Envelhecimento activo" como nova imagem da velhice numa cultura *anti-aging* pós-moderna \* Conclusão \* Bibliografia**

Um dos principais temas da pesquisa das ciências sociais sobre a velhice é a crítica dos discursos negativos sobre a velhice, das imagens sociais da velhice orientadas para a deficiência, dos estereótipos hostis à velhice e de todas as formas de discriminação dos idosos. Essa crítica necessária e, em princípio, correcta, no entanto, geralmente permanece num nível meramente fenomenológico, no

qual esses fenómenos são problematizados, mas não são explicados pelas ciências sociais nem analisados em suas causas sociais mais profundas. Em vez disso, os discursos discriminatórios sobre a velhice e a hostilidade quase estrutural à velhice nas sociedades modernas são contrariados pela evocação de uma imagem positiva da velhice, que muitas vezes culmina directamente na elaboração e difusão de medidas concretas (políticas) para combater a discriminação e promover uma maior integração e "participação social" das pessoas idosas. A crítica visa assim, predominantemente, expor imagens e estereótipos negativos da velhice como (empírica e/ou moralmente) falsos e, em vez disso, iniciar uma visão modificada, mais positiva, "reconhecendo" a velhice e os idosos, a fim de abrir caminho para ultrapassar a discriminação da velhice (cf. exemplarmente Hohmeier/Pohl 1978; Leis 1995; Amann 2004; Angus/Reeve 2006; Cruikshank 2009; Rothermund/Maier 2009; Gullette 2004; 2010; Nelson 2011).

Este padrão de uma crítica fenomenologicamente redutora não é de modo nenhum característica exclusiva da pesquisa (crítica) sobre a velhice e o envelhecimento, mas atravessa numerosas outras críticas (académicas e não académicas) de várias formas de exclusão social (racismo, sexismo, homofobia, etc.). O problema é, portanto, em princípio, o mesmo aqui e ali: a crítica praticamente nunca atinge os pressupostos e as raízes sociais do que ela quer criticar e, segundo a sua própria pretensão, mudar. Só através de uma compreensão suficientemente profunda de tais fenómenos será possível desenvolver uma perspectiva para os ultrapassar. Na discussão da gerontologia social, com vista a possíveis abordagens explicativas da discriminação da velhice, é feita referência, no máximo, a receios profundos das pessoas acerca da morte e do próprio envelhecimento na cultura ocidental, que são, por assim dizer, projectados nos idosos (cf., por exemplo, Rothermund/Maier 2009; Cruikshank 2009; Nelson 2011). O que permanece em aberto, no entanto, é aquilo em que estes mesmos receios culturais se baseiam e em que se enraíza a negativa "cultura do envelhecimento" diagnosticada. As abordagens pós-modernas ou pós-estruturalistas mais recentes vão um pouco mais longe, já que vêem o problema na existência de limites de idade e fases distintas e socialmente construídas da vida, que devem ser desconstruídas em conformidade e assim ultrapassadas (cf. Dyk 2009, 2014). De facto, esta crítica já tem um objectivo significativamente mais profundo do que as abordagens explicativas da gerontologia habitual, mas também aqui a crítica permanece, em última análise, num nível puramente cultural, tendendo a ser negligenciadas as dimensões da teoria social. Particularmente problemático é o facto de que a aproximação construtivista radical dessas abordagens tende, em última análise, a reduzir o processo fisiológico do envelhecimento, que é difícil de negar e pelo qual as pessoas passam ao longo das suas vidas, a uma mera construção cultural.

Por outro lado, uma crítica suficiente em termos de ciências sociais e a explicação de imagens negativas da velhice e da discriminação da velhice exigiria uma abordagem crítica, fundamentada em termos de teoria social, que questionasse consistentemente os pressupostos sociais, isto é, os princípios formais e estruturais das modernas sociedades capitalistas em que estes fenómenos causalmente se baseiam. Por exemplo, numa sociedade em que o trabalho, a produtividade, o desempenho, a actividade, etc. são os valores centrais e em que o progresso científico e social é equiparado ao controlo da natureza (incluindo o ser humano), seria preciso questionar desde logo fundamentalmente se será possível ter uma imagem da velhice que não seja negativa. Ou, sob tais premissas sociais, a velhice e o envelhecimento não terão necessariamente de ser sentidos como algo deficiente e perturbador, que deve ser evitado e combatido na medida do possível? Não é por acaso que precisamente esta lógica constitui a base do negócio de uma medicina *anti-aging* (anti-envelhecimento) actualmente próspera, que está a elevar cada vez mais, e com muito sucesso comercial, o envelhecimento ao estatuto de "meta-doença tratável com a biologia molecular" (Spindler 2009: 382). Mas se for esse o caso, então, naturalmente, qualquer tentativa de influenciar positivamente a imagem social da velhice com base nessas mesmas premissas sociais está à partida condenada ao fracasso. O único caminho viável que ainda se abre à crítica é questionar estruturalmente como um todo a forma social hostil à velhice. Assim, o que resta é apenas uma crítica que faz da discriminação da velhice, do discurso excludor da velhice, das imagens negativas da velhice, etc. o objecto de análise no contex-

to da própria socialização capitalista e critica radicalmente estes fenómenos precisamente neste (e com este) contexto. Onde a contextualização de tais fenómenos no capitalismo (pós-)moderno e nos seus princípios formais falha, resta como crítica apenas um moralismo pseudocrítico que é certamente bem intencionado, mas em última análise completamente desdentado, e a evocação desesperada e basicamente ingénua de imagens positivas da velhice.

Esta crítica fundamental (crítica do capitalismo) – e com ela também a suficiente explicação sociológica – da hostilidade à velhice, da discriminação da velhice, do *anti-aging*, etc. está ainda na sua infância, devido à já referida tendência das ciências sociais para formas de crítica fenomenologicamente redutoras e que visam a positivização imediata do discurso social sobre a velhice e, na minha opinião, constitui um (se não mesmo o) desiderato essencial da pesquisa crítica sobre a velhice e o envelhecimento. As abordagens explicitamente "críticas do capitalismo" na pesquisa sobre a velhice e o envelhecimento ainda estão limitadas (com poucas excepções) à chamada "Political Economy of Aging" neomarxista do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 (cf. Estes 1979; Estes et al. 1982; Phillipson 1982; Townsend 1981; Walker 1981). Esta última criticou em particular a instituição da reforma como uma sistemática passivação forçada das pessoas idosas, tornando-as completamente dependentes dos serviços do Estado social e das instituições públicas de assistência à velhice – uma dependência que, embora seja um produto do próprio sistema capitalista, é atribuída às pessoas mais ou menos explicitamente, conforme a situação económica, assim criando a base estrutural para denunciar as pessoas idosas como um fardo social e meros factores de custo inúteis. Deste modo, a hostilidade e a discriminação da velhice poderiam ser identificadas e analisadas criticamente como um resultado necessário da moderna socialização capitalista. Por mais fenomenologicamente correcta que fosse esta crítica, bem fundamentada em termos de economia política, ela também era redutora e acabou por permanecer ainda mais presa na forma capitalista. Pois a crítica da dependência socialmente gerada dos idosos e da hostilidade estrutural das sociedades capitalistas aos idosos não se traduziu numa perspectiva de superação do quadro social que necessariamente produz exclusão e hostilidade em relação aos idosos; pelo contrário, visou a maior integração e participação social dos idosos na imanência, em particular através da possibilidade de emprego remunerado para além da idade da reforma. Não é por acaso que os representantes da "Political Economy of Aging" – que desde a década de 1980, complementada por abordagens de teoria da cultura, feministas e pós-modernas, "evoluiu" para a chamada "Critical Gerontology" – integram hoje os principais ideólogos científicos de um paradigma de "*active aging*", avançado nos últimos vinte anos no contexto da globalização, do neoliberalismo, das alterações demográficas e de um Estado social activador como base da política europeia de velhice (a actual ideia de *active aging* no campo da política de velhice voltará a ser discutida mais detalhadamente).

Em vista da óbvia e notória incapacidade da pesquisa "crítica" da velhice e do envelhecimento de uma crítica fundamental da discriminação da velhice, do *anti-aging*, etc., o presente artigo tentará pelo menos um primeiro esboço de uma teoria consequentemente crítica da velhice e do envelhecimento no capitalismo. Como base teórica para isso recorrer-se-á de seguida principalmente à teoria da dissociação-valor de Roswitha Scholz (cf. Scholz 2011/2000). A força particular desta teoria para a pretendida análise crítica da velhice e do envelhecimento em termos de crítica do capitalismo, como ainda será demonstrado em detalhe, reside sobretudo no facto de ser precisamente com ela que pode ser determinado o moderno estatuto negativo da pessoa idosa, articulado tanto cultural-simbolicamente (por exemplo, em discursos e estereótipos negativos sobre a velhice) como material-estruturalmente (por exemplo, na exclusão social, na discriminação da velhice, na discriminação dos idosos no mercado de trabalho, etc.), no sentido de um Outro diferente, deficiente, colocado como inferior como efeito genuíno da socialização capitalista e que, portanto, pode ser sujeito a uma análise e crítica profundas. Só através de uma crítica assim radical, que leva em conta a determinação da forma da velhice e do envelhecimento através da estrutura abrangente de dissociação-valor nas sociedades capitalistas, e deste modo não só é capaz de denunciar o escândalo do estatuto social inferior da velhice e do envelhecimento, bem como os fenómenos a ele associados, mas tam-

bém é capaz de denunciar o escândalo destes na sua condicionalidade social, isto é, fazer destes objecto da crítica na sua mediação com a lógica interna e os princípios formais da socialização capitalista, só assim se pode evitar que, permanecendo imanentemente nas categorias capitalistas inquestionadas, se afirme involuntariamente os criticados fenómenos relacionados com a velhice, ou até mesmo o risco (como também será demonstrado no desenvolvimento da análise) de inversão da crítica para posições mais ou menos explicitamente *anti-aging*.

## A velhice dissociada

Como será demonstrado e tornado plausível a seguir, o estatuto social consistentemente negativo da velhice e do envelhecimento também pode ser analisado no contexto da dissociação-valor, e a teoria da dissociação-valor pode dar um contributo decisivo para uma melhor compreensão da discriminação da velhice e da hostilidade estrutural prevalecte em relação à velhice. A velhice também pode ser entendida, de certo modo, como um momento dissociado na socialização do valor, de cuja dissociação resulta, num contexto estrutural hostil à velhice e que exclui os idosos. O discurso de uma "dissociação" da velhice é certamente problemático por várias razões, especialmente num contexto da crítica da dissociação-valor, razão pela qual são necessários alguns esclarecimentos conceptuais prévios. Falar de uma "dissociação da velhice" típica do capitalismo poderia sugerir a existência de um processo independente, quase adicional, de dissociação ao lado ou paralelo à dissociação sexual. Este seria, de facto, um mal-entendido que deve ser evitado desde o início. Tudo o que é explicado a seguir sobre a velhice e o envelhecimento e a sua definição de forma especificamente capitalista só pode ser entendido, naturalmente, no contexto da dissociação-valor como categoria da totalidade social, ou seja, como um princípio abrangente da forma que se estende por todos os níveis e áreas sociais. O estatuto social negativo da velhice, expresso em fenómenos de hostilidade à velhice e de discriminação da velhice, deve ser entendido, por assim dizer, como um aspecto de um e mesmo processo de dissociação-valor, através do qual os momentos sociais que não se fundem com a lógica da valorização do capital se desprendem da forma do valor e se tornam inferiores. Por outro lado – e ao mesmo tempo – a velhice e o envelhecimento não podem ser simplesmente subsumidas logicamente na dissociação-valor, pois não são simplesmente idênticas a esta, mas têm uma certa lógica própria, que teoricamente deve ser levada em conta. Assim, por exemplo, é uma parte essencial da lógica do "cair fora" da velhice da relação de valor capitalista, que será descrita de modo mais preciso a seguir e levada ao seu conceito, que com ela – ao contrário, por exemplo, da dissociação sexual – não se constitui uma relação de subordinação e exclusão social limitada a um determinado grupo exclusivo de pessoas (por exemplo, mulheres), mas que afecta potencialmente cada ser humano, desde que este esteja vivo o tempo suficiente. A discriminação da velhice, portanto, afecta tanto os homens como as mulheres (embora ocorram, naturalmente, algumas sérias diferenças específicas de género).<sup>1</sup> Do mesmo modo, uma diferença essencial relativamente à dissociação sexual deve também ser tida em conta no sentido de que a velhice, em contraste com o "feminino" dissociado, não incorpora algo como o necessário reverso da forma do valor, com uma área da vida e da actividade especificamente atribuída, que está subordinada à esfera do valor, subvalorizada ou simplesmente ignorada, mas que, no entanto, representa um pré-requisito básico e (embora não reconhecida) condição *sine qua non* do processo de valorização e, portanto, da socialização do valor como um todo. Em vez disso, a velhice basicamente está associada ou constitui-se a si mesma simplesmente caindo fora da forma do valor, mais precisamente (e como também será tornado plausível mais detalhadamente) caindo fora da esfera do trabalho abstracto. Este cair fora, no entanto, não constitui uma área necessária de reprodução social, não importa quão inferiormente definida esteja, mas – do ponto de vista da lógica do valor capitalista – um mero estado de agregação da existência

---

1 O mesmo se aplica, em princípio, à relação entre a discriminação da velhice e outros mecanismos de desigualdade e exclusão social, como o racismo, a homofobia e o anti-semitismo. Os brancos, bem como as pessoas de pele escura, heterossexuais, homossexuais, etc., podem ser excluídos como idosos.

humana inteiramente deficiente, na verdade, em última análise, "desumano", que, portanto, só pode ser conotado negativamente tanto subjectiva como socialmente.

Em suma, o "cair fora" da velhice, como base de uma estrutura básica capitalista profundamente hostil à velhice, só pode ser entendido teoricamente em ligação com um contexto capitalista abrangente e total de dissociação-valor, mas não é simplesmente o mesmo que a dissociação-valor [Wert-Abspaltung]. A fim de ter em conta esta diferença, utilizarei o termo "dissociação" [Dissoziation] a seguir e falarei de uma "velhice dissociada" [dissoziierten Alter].<sup>2</sup> [a]

## A constituição histórica da velhice no capitalismo

A tese principal deste ensaio é que a sociedade capitalista se caracteriza, não em último lugar, por uma "dissociação da velhice" e uma daí resultante hostilidade estrutural à velhice, em que esta dissociação é essencialmente representada pelo afastamento das pessoas idosas da esfera do trabalho abstracto. A relação constitutiva entre velhice e trabalho abstracto e, portanto, a forma histórica da moderna dissociação da velhice enquanto tal, consiste no facto de que, como é sabido, a velhice na sociedade capitalista está ligada à reforma, que – como o próprio trabalho – representa uma categoria ou instituição genuinamente capitalista. Antes de a segurança social e os sistemas de pensões terem sido estabelecidos, a partir do final do século XVII, início do século XVIII, inicialmente limitados às administrações estatais militares e civis e apenas na virada do século XX gradualmente estabelecidos para os trabalhadores, a velhice praticamente não existia como uma fase da vida cronologicamente distinta e uniforme. Por outras palavras, aquilo que conhecemos como uma fase independente da vida na velhice e aquilo que imaginamos que seja – nomeadamente a reforma e a libertação da obrigação de trabalhar – tudo isto não existia realmente sob esta forma nas sociedades pré-capitalistas. Naturalmente que também desempenha um papel importante aqui o facto de que, em princípio, apenas sob as premissas do capitalismo industrial, devido a um aumento sucessivo dos "níveis de vida"<sup>3</sup> e ao progresso no combate às doenças, um número muito maior de pessoas atingiu

---

2 O termo de "dissociação" [Dissoziation] também não é, naturalmente, inteiramente não problemático, e poderia muito bem vir a ser provisório no decurso de um trabalho teórico adicional, se fosse encontrado um termo melhor: no sentido literal, "dissociação" [Dissoziation] significa a desintegração de algo em algo mais, por exemplo, na química a desintegração de uma molécula nos seus componentes, ou na psicologia a desintegração de funções normalmente ligadas, como a percepção, identidade ou afins. Neste sentido, uma "dissociação da velhice" poderia assim ser (mal) entendida como a desagregação ou desintegração da própria velhice. No entanto, utilizo-a para descrever, quase exactamente ao contrário, a queda ou o afastamento da velhice da forma do valor capitalista em todos os níveis da sociedade – por exemplo (e sobretudo) material e estruturalmente do trabalho abstracto, mas também, em última análise, a nível psicossocial, do próprio eu. Por "dissociação da velhice" entende-se, portanto, a dissociação social e individual da velhice (e do envelhecimento) como componente essencial da vida e da existência humana. Um possível termo alternativo que também tenho considerado há algum tempo seria o de "recalcamento [Verdrängung] da velhice". No entanto, este último tem a desvantagem de operar mais no último nível psicossocial, que, no entanto, representa apenas uma das várias dimensões da moderna "dissociação da velhice" (mais sobre isto mais abaixo). Além disso, este é também um termo que, por assim dizer, já foi "queimado", pois há muito que é utilizado na gerontologia social para tais fenómenos psicossociais de recalcamento ou negação da velhice e do envelhecimento, por exemplo com vista às actuais tendências anti-envelhecimento [*anti-aging*] e correspondentes práticas de rejuvenescimento, sem, no entanto, mediar teoricamente este "recalcamento da velhice" com os princípios da forma e da estrutura capitalistas, assim o podendo explicar causalmente (cf., por exemplo, Bultena/Powers 1978; Andrews 1999; Gillick 2006; Degele 2008). Também por razões de diferenciação de tais abordagens redutoras da gerontologia social, o termo de "recalcamento da velhice" está, portanto, fora de questão, razão pela qual fico, por enquanto, com o termo de "dissociação da velhice".

3 Coloquei aqui "níveis de vida" deliberadamente entre aspas. Pois, ao contrário da percepção da consciência média capitalista e do significado geralmente atribuído a este termo, o aumento do nível de vida no e pelo capitalismo foi, como é bem sabido, sempre apenas relativo, e mesmo como melhoria relativa só pode ser contabilizado directamente nos "aspectos positivos do capitalismo" se e na medida em que se ignora que historicamente foi o próprio capitalismo que, na sua fase de criação e implementação a partir do século XV/XVI, antes de mais nada reduziu o "nível de vida" da maioria da sociedade de forma radical e permanente em comparação com o final da Idade Média (ver Kurz 2009/1999). O tão invocado nível de vida mais elevado sob o capitalismo está, em princípio (independentemente da sua ampla limita-

uma idade mais elevada, e assim também tem havido com forte e contínuo aumento da proporção de pessoas idosas na população até hoje. No final do século XIX, a esperança média de vida no Reich alemão ainda não era superior a 35 anos para os homens e 38 anos para as mulheres (cf. Hradil 2012, 43). Já neste contexto, não é provavelmente demasiado presunçoso afirmar que o "problema" da velhice só se coloca em condições capitalistas e que a velhice é um produto directo da modernidade produtora de mercadorias, como resultado de um aumento acentuado da esperança de vida nos últimos 150 anos e da criação imanentemente capitalista da instituição da reforma. Por isso não é por acaso que o "nascimento" da gerontologia, como ciência da velhice e do envelhecimento, coincidiu com a primeira metade do século XX, quando a velhice foi constituída como uma categoria socialmente relevante, no decurso da emergência de um estrato em constante crescimento de população idosa e da institucionalização da reforma.<sup>4</sup>

Tanto a velhice como a reforma, claro, têm uma história pré-capitalista. Afinal, os debates filosóficos e literários sobre a velhice e o envelhecimento remontam à antiguidade, por exemplo com Hesíodo, Aristófanes, Platão, Aristóteles, etc., em que interpretações negativas da velhice no sentido de uma decadência física e mental, como também são (e ainda hoje) generalizadas, podem recordar uma longa tradição na história intelectual e cultural europeia (cf. Rosenmayr 1978; Hermann-Otto 2004; Göckenjan 2010). Também a reforma tem raízes pré-modernas, por exemplo, no chamado "*Ausgedinge* rural", como se desenvolveu no final da Idade Média. No entanto, deve ser vista e tida em conta, tanto teórica como analiticamente, a nova qualidade que tem para a velhice e para o envelhecimento a formação da sociedade capitalista moderna e, em particular, o desenvolvimento dos sistemas de pensões, e que, na minha opinião, consiste sobretudo em sair do trabalho abstracto. O historiador social Josef Ehmer, por exemplo, afirma em seu instrutivo "História Social da Velhice" (embora naturalmente procedendo não criticamente em termos categoriais e, portanto, de modo particularmente sobrecarregado em termos de ontologia do trabalho) com relação às condições nas sociedades agrárias pré-industriais: "Uma cesura que pudesse ser descrita como o início de uma fase de velhice dificilmente pode ser identificada nestas circunstâncias sociais" (Ehmer 1990, 26), onde ele enfatiza como particularmente essencial para isso que "nenhuma norma [parece] ter existido que na velhice exortasse à retirada das actividades económicas. Para os idosos, parece ter havido aqui oportunidades favoráveis para organizar as suas relações familiares e as suas actividades laborais de forma flexível de acordo com as respectivas necessidades (abstraindo dos efeitos das ameaças de guerra, fome e epidemias, que não podem ser influenciados individual e localmente)." (loc. cit., 27). Isto só deveria mudar sob as premissas do trabalho abstracto, ou seja, nas condições da existência capitalista de trabalhador assalariado, e só aqui a velhice toma forma como uma fase cronologicamente delimitável da vida – nomeadamente, como já foi referido, por ser separada da esfera do trabalho ou por cair fora dela.

Este cair fora foi provavelmente formado em diferentes fases do desenvolvimento capitalista em graus muito diferentes e, portanto, historicamente, assumiu formas muito diferentes: Em fases anteriores de socialização do valor, as pessoas (especialmente os trabalhadores) ainda não eram predominantemente muito velhas ou (o que por vezes equivalia à mesma coisa) estavam praticamente in-

---

ção geográfica aos centros capitalistas), limitado ao curto período de prosperidade económica após a Segunda Guerra Mundial, que chegou ao fim nos anos de 1980, o mais tardar, o que, desde então, levou novamente a um declínio sucessivo do "nível de vida" de partes cada vez maiores da população, também nas metrópoles capitalistas. O aumento dos "níveis de vida" não é, portanto, de modo algum, a regra nas sociedades capitalistas, mas sim a excepção. Mas isto é apenas uma nota lateral para completar.

4 Consequentemente, a vida aposentada e o "envelhecimento demográfico", como Stephen Katz (cf. Katz 1996) os desenvolve no seu tratado sobre a formação histórica da gerontologia, formam as duas vertentes principais do discurso gerontológico sobre a velhice, em torno do qual a gerontologia se constitui como uma disciplina científica. Esta descoberta, que em si mesma é reveladora, permanece, naturalmente, redutora em termos de análise do discurso tradicional em Katz, ou seja, sem suficiente contextualização histórico-social da emergência deste "complexo de conhecimento gerontológico" nas condições capitalistas e na sua dinâmica de desenvolvimento histórico.

tegradas no processo de trabalho até ao fim da vida, o que significava que dificilmente era possível sair do trabalho abstracto devido à velhice (mas isto também significava que a velhice ainda não estava estritamente separada estruturalmente de outras fases da vida).<sup>5</sup> Isso mudou no decorrer do século XIX com a implementação final do sistema de fábrica no capitalismo avançado industrializado, que de certo modo só ele marcou o limiar histórico da separação entre velhice e trabalho e, portanto, em última análise, do desenvolvimento da fase de vida da velhice em geral. Estudos sobre as condições de vida da classe trabalhadora na altura (alguns dos quais, em parte, já lidos como relatórios recentes das associações de trabalhadores sobre a situação dos trabalhadores mais velhos no mercado de trabalho) documentam uma "relutância crescente de muitos empresários em continuar a empregar ou a contratar trabalhadores mais velhos. [...] O 40º ou 50º ano de vida é repetidamente mencionado como o ponto de viragem crítico a partir do qual se tornou muito difícil manter o antigo emprego, e onde era praticamente impossível encontrar um equivalente. [...] A diminuição da força física, da velocidade e da capacidade de resposta foram citadas como razões pelas quais um trabalhador mais velho 'tem de se esfalfar a dobrar para acompanhar os colegas mais jovens e mais fortes' [...] A pressão competitiva e a fome de lucros levaram os empresários a aumentar a intensidade do trabalho e deixaram os trabalhadores mais velhos para trás. A utilização de máquinas e a importância crescente da produção em massa facilitaram a renúncia à sua experiência e competências" (ibid.: 65). Esta "renúncia" à força de trabalho dos trabalhadores mais velhos e a sua saída da esfera do trabalho remunerado, enquanto os sistemas de segurança social e de pensões ainda não estavam institucionalizados em todos os sectores (o que, por exemplo, deverá ter sido o caso na Áustria praticamente apenas com a ligação à "Alemanha de Hitler" em 1938,<sup>6</sup> ver Ehmer loc. cit. 49), assumiu a forma de ser-se lançado na miséria do desemprego e, portanto, na pobreza nua e crua da velhice, o que logo pertenceu à vida quotidiana capitalista bastante normal. Além da função estabilizadora e disciplinadora do sistema, ao assegurar a lealdade do proletariado à sociedade capitalista burguesa (lealdade que durante muito tempo foi tudo menos evidente, como testemunhado pelas revoltas amargas até bem dentro do século XIX, em que as pessoas se rebelaram contra a irracionalidade da existência alienada dos assalariados, cf. Kurz, 2009/1999, 121ss.), foi provavelmente não menos importante a crescente massa de pessoas idosas que já não eram utilizáveis, mas que ainda viviam e, portanto, era preciso administrar de algum modo, que deu um contributo significativo para o desenvolvimento dos sistemas públicos de pensões, pelo que o abandono do trabalho e, conseqüentemente, a própria velhice assumiram uma forma diferente. Só quando a reforma foi institucionalizada deste modo, legalmente garantida (e, na segunda metade do século XX, indo cada vez mais além da mera garantia do próprio sustento), é que a velhice adquiriu o significado e o rosto que ainda hoje tem, nomeadamente o de uma vida pós-emprego, livre de obrigações. E é somente nessa etapa que a dissociação da velhice atinge o seu mais alto desenvolvimento, e que o cair fora do trabalho abstracto é plenamente institucionalizado.

## Os velhos supérfluos

Na lógica da forma do valor, a saída dos idosos do trabalho nada mais significa do que tornarem-se supérfluos para o processo de valorização. Os assalariados idosos vão sendo substituídos por uma geração seguinte de trabalhadores mais jovens, devido à produtividade e ao desempenho real ou supostamente inferiores, e são, portanto, dispensáveis para o trabalho abstracto como meio de valorização do capital. Esta é a lógica interna da dissociação capitalista da velhice, ainda que normalmen-

---

5 Também aqui se deve ter em conta que demorou muito tempo, sobretudo em países como a Alemanha e a Áustria, até que a maior parte da população estivesse totalmente integrada em contextos de trabalho assalariado. Assim, as estruturas locais de subsistência ainda existiram aqui por muito tempo e, portanto, provavelmente era mais ou menos válido para muitas pessoas na velhice o que Ehmer descreveu para as condições das sociedades agrárias.

6 Foi preciso ainda mais tempo para que as pensões de velhice fossem além da simples garantia da subsistência – por exemplo, na Alemanha, até à reforma das pensões de 1957, com a qual o sistema de pensões alemão foi convertido num sistema de repartição (cf. Roth 1989).

te não seja de imediato reconhecível como tal no contexto dos actuais sistemas públicos de pensões, porque a reforma (excepto no caso de reforma antecipada devido a doença) não é geralmente determinada pela capacidade da pessoa em causa, mas por uma idade legal de reforma, sendo a reforma frequentemente associada a uma "liberdade tardia" (cf. Rosenmayr 1983) ou "disponibilidade de vida" (Göckenjan 2000, 331) e muitas vezes até expressamente desejada pelas pessoas. A lógica torna-se evidente, quando muito – mas, neste caso, tanto mais claramente e, para os afectados, tanto mais perceptivelmente –, no caso dos desempregados mais idosos que se tornaram praticamente incolocáveis no mercado de trabalho devido à sua idade, mas que, ao mesmo tempo, são ainda demasiado jovens para terem direito a uma pensão de reforma.

O tornar-se supérfluo do idoso por via da pensão não é, portanto, idêntico ao despedimento de um número crescente de desempregados na actual crise da sociedade do trabalho. Embora tanto os desempregados como os idosos fiquem fora do trabalho, os desempregados permanecem ainda na esfera do trabalho abstracto. Desemprego significa cair fora do trabalho abstracto no espaço interior do próprio trabalho. No caso do idoso, pelo contrário, sair do trabalho abstracto é o mesmo que sair da esfera do trabalho em geral. Portanto, o desempregado de longa duração continua a ter de prestar contas mesmo perante as perspectivas de emprego cada vez mais sombrias na sociedade e está exposto a um aparelho burocrático humilhante, que o coloca de um curso de formação sem sentido para outro ou, se necessário, pode também obrigá-lo a um trabalho forçado e com baixos salários ("empregos de um euro"), enquanto o "caído fora idoso" entra na "reforma bem merecida" e é libertado de qualquer obrigação de trabalhar.<sup>7</sup> O facto de a base de legitimação do "idoso desobrigado" se ter desintegrado visivelmente desde a viragem neoliberal é outra questão a que teremos de voltar mais tarde.

A superfluidade do idoso na lógica do valor encontra o seu equivalente institucional, ao lado da reforma, em outra instituição que se desenvolveu sob o capitalismo na "administração" da velhice: o lar de idosos. Tal como os sistemas de pensões modernos (e em conjunto com eles), o lar de idosos tem as suas raízes na instituição militar, como observa Ehmer: "A criação do exército permanente fez da assistência aos soldados velhos e deficientes um problema urgente. As primeiras formas de sistemas de pensões na função pública estavam directamente ligadas às tradições existentes de prestação de cuidados aos pobres. Consistiam na fundação de enormes instituições, concebidas como hospitais, lares de idosos e, em alguns casos, mesmo como casas de trabalho, para acolher soldados que não podiam servir. A construção do *Hôtel des Invalides* em Paris em 1674 marcou o início deste desenvolvimento, seguido pela Inglaterra em 1682 e pela Prússia com instituições similares em 1705. Na Áustria, em 1728, foi decidido fundar casas para inválidos em Pest, Praga e Viena" (Ehmer 1990, 40). O "nascimento" do lar de idosos coincide assim historicamente com a emergência de numerosas outras instituições que a sociedade capitalista produziu em sua fase constitucional para a preservação e disciplina dos seus improdutivos e supérfluos. É sabido que Michel Foucault descreveu este processo em detalhe, usando prisões e manicómios como exemplos (cf. Foucault 1994/2013). Até à década de 1960, a mera custódia dos idosos e dos necessitados de cuidados, como até a literatura gerontológica convencional de ensino e prática pode afirmar de forma bastante sucinta, representou o modelo óbvio dos lares de idosos e das casas de repouso (cf. Marx 2012, 562). O que nesta literatura, naturalmente, pretende servir apenas de ponto de partida e de rejeição para uma "história de progresso" dos cuidados aos idosos ao longo do século XX, na verdade ainda representa a própria essência do lar de idosos, mesmo quando se tornou um dormitório amigável com um programa de lazer e actividade "orientado para a vivência": nomeadamente, a segregação

---

7 Uma semelhança estrutural com o desemprego (que, como já foi referido, ainda hoje se pode observar no caso dos desempregados mais velhos mas sem direito a uma pensão) só pode ser observada no caso da velhice "anterior ao Estado social" acima descrita, em que o cair fora do trabalho dos mais velhos andou simplesmente de par com o desemprego. No entanto, os desempregados idosos do "exército de reserva" eram, na melhor das hipóteses, a segunda escolha, tal como hoje. Isto significa que a dissociação da velhice também é eficaz neste caso, mesmo que tenha uma forma diferente da reforma por idade.

espacial e social, e o confinamento de facto dos idosos e dos que necessitam de cuidados. No entanto, como afirma Stephen Katz (cf. Katz 2000) numa análise inspirada em Foucault sobre a prática de tratamentos nos lares de idosos, a "activação" dos internados, que hoje é comum nos lares de idosos e é realizada com uma meticulosidade por vezes quase impressionante, é adequada também para o seu acompanhamento e disciplina particularmente eficazes, a fim de garantir o quotidiano de tratamento mais suave possível. A custódia dos idosos como a lógica mais íntima, por assim dizer como o "estigma" do lar de idosos, é ainda hoje periodicamente revelada em vários "escândalos em lares de idosos", quando são conhecidos casos de total negligência (até à formação de úlceras de decúbito), a imobilização médica dos dementes e outras formas de violência organizada contra os idosos necessitados de cuidados.<sup>8</sup>

Tendo em vista a reforma e o lar de idosos, como as duas instituições capitalistas centrais da velhice, a superfluidade dos idosos é basicamente dupla. Por um lado, os idosos, como caídos fora do trabalho abstracto, são simplesmente improdutivos e, portanto, praticamente inúteis para o movimento de fim-em-si do capital que tudo determina. Por outro lado, são "beneficiários" dos sistemas de pensões e de cuidados, que têm de ser financiados pelo Estado, ou seja, financiados a partir da massa de mais-valia da sociedade no seu conjunto. Os idosos são, portanto, não só improdutivos, mas também, além disso, um factor de custos considerável. Numa sociedade com uma ética de trabalho tão profundamente enraizada historicamente, que se infiltrou nas profundezas subcutâneas da subjectividade moderna, segundo a qual quem não trabalha não deve comer, os idosos estão sempre à beira de serem incluídos na categoria da "vida indigna de viver", dependendo da situação económica geral. É precisamente na histeria demográfica que se desencadeou desde a viragem do milénio, tendo em conta o rápido crescimento da proporção de idosos na população, e que levou a discursos catastróficos sobre o "envelhecimento social", a "bomba demográfica", a "avalanche de idosos", etc., em que todos pintam o quadro das legiões de idosos a viverem bem seguros à custa da juventude, é precisamente aí que súbita e repetidamente também relampeja algo, especialmente ao abrigo do vento deste "armamento demográfico" (Kondratowitz 2009, 257) do discurso social sobre velhice, que torna as discussões sobre suicídio assistido e eutanásia socialmente aceitáveis, ainda que presentemente como ruído de fundo bastante baixo. É verdade que as opiniões raramente são comunicadas tão aberta e explicitamente como a duma certa Baronesa Warnock, supostamente uma das principais eticistas médicas britânicas (!), que disse ao *Sunday Times* em dezembro de 2004: "The frail and elderly should consider suicide to stop them becoming a financial burden on their families and society" [b] (Warnock 2004). Mas o que não é pode perfeitamente vir a ser – nos discursos actuais sobre o envelhecimento, esta lógica desumana é, em todo o caso, aplicada desde o início, uma vez que aos idosos é mais ou menos negado o seu direito à vida, pelo menos implicitamente, tendo em conta os custos sociais que provocam. Portanto, é tudo menos uma coincidência que a emergência dos discursos actualmente crescentes sobre a eutanásia coincida precisamente com a alteração demográfica na estrutura etária e a sua "ascensão" a um dos problemas sociais mais urgentes da agenda política.<sup>9</sup>

---

8 A lógica dos modernos cuidados para os idosos pode talvez também ser resumida a esta luz: activação do (ainda) activável, imobilização do já não activável, ou seja, pacientes acamados e dementes. Esta lógica também não é negada pelos cuidadores empenhados, que existem e que, contra todas as adversidades do sistema de cuidados, cada vez mais racionalizado ao nível da gestão da linha de montagem, lutam honestamente por um tratamento caloroso e humano daqueles que necessitam de cuidados e que lhes são confiados. No entanto, muitas vezes, mesmo aqui, no final de contas pode não resultar muito mais do que a construção de uma ética profissional idealizada que permita lidar com o difícil quotidiano dos cuidados, sem desesperar totalmente dele e nele se afundar completamente como cuidador/a (cf. Kersting 2011).

9 Muito instrutivo neste contexto é o livro *Das ist doch kein Leben mehr!* [Isto já não é vida!] de Gerbert van Loenen (cf. van Loenen 2014). Ele descreve o desenvolvimento nos Países Baixos, onde não só o suicídio assistido, mas também o assassinio a pedido foram agora legalizados. Há, entre outras coisas, numerosas iniciativas que insistem em entender as leis aos anciãos e em apoiá-los no suicídio, mesmo que não sejam doentes terminais ou em sofrimento insuportável, mas desde que tenham mais de 70 anos e tenham "terminado a sua vida". Van Loenen também ilustra de forma muito impressionante como, sob a capa da autodeterminação, autonomia e "morrer com dignidade", se espalha um

## A "improdutividade" e o "peso dos custos" como principais vertentes do moderno discurso sobre a velhice

A improdutividade e o peso dos custos da velhice são as duas vertentes principais do moderno discurso social sobre a velhice. Esta é, por assim dizer, a dimensão cultural-simbólica da dissociação capitalista da velhice, na qual a superfluidade material-económica dos idosos é ideologicamente sedimentada numa subvalorização e inferiorização simbólicas da velhice, sob a forma de imagens negativas da velhice, estereótipos, atribuições discriminatórias, etc. Que os idosos sejam ineficientes, lentos e improdutivos é, como se vê, uma "imagem" ligada à velhice, pois o trabalho abstracto foi ontologizado como forma humana de actividade por excelência, cuja localização prototípica está encarnada na fábrica. Essa imagem mudou no actual "turbocapitalismo" digitalizado, baseado no conhecimento, apenas na medida em que as atribuições de improdutividade mudaram e se diferenciaram, de acordo com as exigências e desaforos do tempo. Consequentemente, a improdutividade actual é menos a falta de força, de resistência, de rapidez, etc. do que a falta de criatividade, de inovação e, por último, mas não menos importante, de flexibilidade dos trabalhadores mais velhos em relação aos mais jovens. Mesmo os "críticos" da "desvalorização da velhice" contemporânea no ou pelo mercado de trabalho confirmam involuntariamente este padrão, como Stephan Lessenich e outros apropriadamente constataam nas suas análises dos esforços actuais para revalorizar discursivamente a velhice (cf. Dyk et al. 2010), por exemplo, quando se tenta reforçar as características específicas dos trabalhadores mais velhos, tais como experiência, lealdade, moral laboral, etc., mas, no entanto, simultaneamente, se lhes negam todos os atributos dinâmicos que o mercado de trabalho tão veementemente exige hoje. De certo modo, portanto, os velhos provam ser "velhos" e irremediavelmente obsoletos em termos de mercado de trabalho, mesmo aos olhos daqueles que insistem exactamente no contrário. No entanto, o que é realmente digno de crítica não é principalmente a desvalorização discursiva da velhice no mercado de trabalho enquanto tal, mas fundamentalmente a redução das pessoas à sua capacidade de valorização económica, devendo antes ser questionada a estrutura na forma do valor da sociedade capitalista, com as suas categorias de trabalho, desempenho, produtividade, etc.; mas mesmo os críticos dos discursos sociais sobre a velhice, como Lessenich e C<sup>a</sup>, que são bastante imunes às armadilhas de uma positivação demasiado imediata da velhice, não chegam aí. A subvalorização social da velhice não é apenas um efeito material dos discursos negativos sobre a velhice, mas o próprio discurso é mediado pela estrutura capitalista de dissociação-valor. E enquanto este princípio continuar a existir como princípio da forma social abrangente, tudo o que se fecha à possibilidade de valorização ou perde a sua capacidade de valorização intransigente e irrestrita deve necessariamente ter o estatuto de deficiente, improdutivo e inútil. O problema de todas as críticas aos discursos negativos sobre a velhice, tal como são feitas em grande medida (em última instância também por Lessenich e C<sup>a</sup>), é que apenas tomam nota da dimensão cultural-simbólica da dissociação da velhice, enquanto a dimensão material-estrutural é deixada de fora.

Não é diferente a situação com os discursos sobre os "custos da velhice (do envelhecimento)" e dos idosos, que são cada vez mais (e também cada vez mais velhos<sup>10</sup>), e que, segundo a opinião domi-

---

discurso profundamente desprezível sobre pessoas necessitadas de cuidados e pessoas com deficiência, cujas vidas são quase abertamente desvalorizadas como "indignas de viver". Particularmente impressionante é, por exemplo, uma citação do presidente da Associação Holandesa para um Fim de Vida Voluntário (NVVE), que defende a eutanásia activa para pacientes com demência, embora, segundo ele, deva permanecer sempre o direito do indivíduo "de morrer como um *zombie* em fraldas de merda" (citado de Loenen 2014 loc. cit., 205). Em nome da autodeterminação e da dignidade, a vida dos idosos e dos deficientes é assim rejeitada expedita e descaradamente como "indigna de viver". Van Loenen resume esta tendência da seguinte forma: "Quanto mais a situação corresponde ao nosso ideal de que o ser humano tome a sua vida com confiança nas próprias mãos, maior é o risco de que as pessoas que não podem corresponder sejam lançadas borda fora" (loc. cit., 215).

10 O grupo populacional em mais forte e mais rápido crescimento é, de longe, o dos chamados "muito velhos", ou seja, com mais de 80 anos. De acordo com estimativas do Serviço de Estatística da União Europeia (Eurostat), a percentagem

nante publicada, comem cada vez mais as papas na cabeça dos jovens, que são cada vez menos. Se tais discursos pressupõem necessariamente a dissociação (também material) da velhice, a sua crítica predominante permanece exclusivamente no nível cultural-simbólico do discurso, em vez de ter em conta a estrutura fundamental de dissociação-valor capitalista. No interesse das intervenções discursivas, até a problemática dos sistemas sociais, de saúde e de pensões, que tem de surgir necessariamente das alterações demográficas ocorridas (especialmente em tempos de crise epocal da forma capitalista como um todo), tem de ser simplesmente negada. Aqueles que apontam para o potencial imane de crise capitalista do "envelhecimento da sociedade" são indiscriminadamente suspeitos de serem hostis à velhice (ainda que muitas vezes com razão, pois, fora isso, a argumentação da crise é geralmente apenas acriticamente invocada pelos apologistas e pelas elites político-económicas do sistema) e têm de, entre outras coisas, deixar-se acusar de uma "demografização do social" (cf. Barlösius/Schiek 2007; neste sentido também: Lessenich 2014). Infelizmente, porém, as alterações demográficas constituem um verdadeiro problema para o capitalismo e para as suas instituições, em particular para o Estado social, e não podem ser simplesmente reduzidas a uma mera construção discursiva de políticos e economistas, que serve agora de base de legitimação para reformas neoliberais do sistema de pensões e de segurança social aprovadas sem alternativa. Não é, portanto, a lógica do constrangimento factual das estratégias de enfrentamento político que deve ser primeiramente criticada, como faz a crítica predominante à "demografização" do discurso social sobre a velhice – esta lógica do constrangimento factual corresponde muito bem à natureza do problema colocado pelas alterações demográficas – mas sim uma estrutura social (produzida pelas próprias pessoas) que dá origem a constrangimentos factuais deste tipo a partir de dentro de si, a que as pessoas têm de submeter-se no interesse da manutenção do sistema. Também aqui se torna particularmente claro que uma crítica emancipatória das condições sociais da velhice (e da vida em geral) só pode ser feita no capitalismo se a forma capitalista como tal for radicalmente posta em questão.

No entanto, a improdutividade e o custo social, como pedras angulares da superfluidade dos idosos na lógica do valor, formam apenas um dos lados do discurso social sobre a velhice. A velhice, apesar de toda a sua negatividade e da hostilidade concentrada à velhice, não é apenas avaliada negativamente. Uma longa vida até à velhice – possibilitada pelo aumento dos "níveis de vida" e avanços nos cuidados médicos, que são muito prontamente elogiados como realizações essenciais da "civilização" capitalista (a cujos centros, no entanto, estão predominantemente limitados) – é considerada absolutamente desejável mesmo (e talvez precisamente) em sociedades estruturalmente avessas à velhice, como as sociedades capitalistas. Neste contexto, o discurso da era moderna revela-se extremamente ambivalente e contraditório, e até mesmo altamente esquizofrénico. A simultaneidade de um discurso positivo sobre a longevidade e de um discurso negativo sobre a velhice, porém, apenas na aparência marca uma completa contradição, mais concretamente é uma contradição que reside na própria coisa em si, na medida em que ambos os discursos acabam por ter as suas raízes numa mesma estrutura capitalista de dissociação-valor. Se a visão negativa da velhice é um efeito ideológico directo da superfluidade dos idosos no processo de valorização, que assumiu na reforma e no lar de idosos as suas duas objectivações institucionais centrais, a conotação positiva da longevidade segue a lógica da subjugação e do controle da natureza igualmente capitalista-moderna, genuinamente androcêntrica, que permeia toda a história da ciência moderna, para a qual a mortalidade do ser humano já há muito tempo é uma situação insuportável (quase uma afronta narcisista ao sujeito masculino burguês "criador de mundo"), e para a qual a longevidade, portanto, aparece como uma espécie de vitória, numa etapa no caminho para superar a morte (caminho no qual alguns peritos biomédicos estão trabalhando seriamente, segundo a sua intenção, cfr. por exemplo, Shostak 2002). O dis-

---

de pessoas com mais de 80 anos mais do que duplicará até 2050, passando dos actuais 5,4% para 11,1%, e continuará a aumentar para 12,7% até 2080 (ver "A Europa em números" – Anuário do Eurostat; ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population\_structure\_and\_ageing).

curso positivo sobre a longevidade e o discurso negativo sobre a velhice estão assim necessariamente associados um ao outro.<sup>11</sup>

## O eu sem idade

Essa esquizofrenia da moderna "cultura da velhice" acaba por ser imediatamente reflectida numa psicologia social da velhice igualmente esquizofrénica. Esta é a terceira dimensão da "velhice dissociada", que toma forma na produção de sujeitos velhos ou envelhecidos, em que a dissociação se manifesta a nível subjectivo em atitudes, práticas, identidades, etc. individuais relacionadas com a velhice. A constituição esquizofrénica da subjectividade moderna em relação à velhice talvez não possa ser mais claramente expressa do que no facto (repetidamente afirmado em gerontologia, mas na melhor das hipóteses superficialmente reflectido em termos de "crítica da cultura") de que, embora a maioria das pessoas goste de *envelhecer*, praticamente nenhuma delas quer *ser velha*<sup>12</sup>. Este padrão de pensamento em relação à velhice, que já logicamente é impossível e dificilmente pode ser descrito senão como grosseiro absurdo, atinge profundamente as emoções mais íntimas, a auto-imagem e a corporeidade dos sujeitos modernos, onde se concretiza principalmente como uma dissociação radical do corpo velho ou envelhecido do próprio eu (Selbst, self), [c] com o qual os sinais físicos do envelhecimento parecem totalmente incompatíveis e em contradição irreconciliável. Na dimensão psicossocial, portanto, só se reconhece a plena extensão da dissociação da velhice, na medida em que ela penetra de certo modo com toda a força nos sujeitos e se torna constitutiva para cada pensamento e cada acção, assim como para cada "identidade" relacionados com a velhice.

Há uma série de estudos gerontológicos que fornecem material altamente revelador e evidências empíricas esmagadoras da dissociação psicossocial da velhice. Um estudo de Sharon Kaufman (cf. Kaufman 1986) sobre o por si chamado "ageless self" tornou-se particularmente conhecido, assim como um ensaio de Mike Featherstone e Mike Hepworth (cf. Featherstone/Hepworth 1991) no qual eles cunharam o termo "mask of ageing". Ambos os termos se referem, em princípio, a uma e mesma coisa, nomeadamente ao fenómeno de uma dissociação ou separação do corpo envelhecido de um eu imaginado como sem idade. Estes são, por assim dizer, padrões de interpretação da velhice que se expressam sobretudo no facto de, por exemplo, nas narrativas biográficas, quando os idosos falam de si próprios e das suas vidas, ser frequentemente encontrada a ideia de um eu quase sem idade, ou seja, uma identidade que, em princípio, não é tocada pela velhice e que, apesar das mudanças físicas e sociais relacionadas com a velhice, é marcada pelo sentimento de um "ser não realmente idoso". O corpo envelhece, mas o eu, ou seja, a pessoa real, não envelhece. Nas autodescrições das pessoas, o corpo aparece como uma mera concha na qual o eu vive – e quanto maior a discrepância entre o corpo envelhecido e o eu sem idade se torna com o envelhecimento físico avançado, mais esta concha assume a forma de uma máscara atrás da qual o eu se esconde, em casos extremos até a de uma prisão em que a pessoa está desamparadamente aprisionada. Isto vai tão longe que

---

11 A crítica da moderna racionalidade dominante da natureza e das fantasias associadas, muitas vezes absolutamente absurdas, de longevidade e de imortalidade (que hoje tomam forma, na sua figura mais actual, nas ideias do transumanismo, cfr. Becker 2015) não implica, no entanto, que a longevidade e a sua prossecução devam ser rejeitadas *per se* e que, para além da socialização capitalista, o envelhecimento com saúde e a obtenção da maior idade possível, eventualmente também através da utilização de meios médicos, não possa ser uma necessidade humana legítima. Tal posição corresponderia apenas a um mau naturalismo, que não poderia ser avaliado melhor do que a insanidade da biomedicina moderna, que quer mesmo eliminar a morte através da clonagem e da tecnologia das células estaminais. Porque, basicamente, isto só poderia significar simplesmente negar às pessoas um tratamento adequado para as doenças da velhice e afins desde o início, com base numa ideia grosseira de "envelhecimento natural", apesar das possibilidades médicas disponíveis. Voltarei a este assunto no final do texto – por enquanto, só por precaução, esta é apenas uma nota para evitar potenciais mal-entendidos.

12 Jonathan Swift já dizia isto no século XVIII: "Every man desires to live long; but no man would be old" (Swift 1886, 188). Não se sabe se esta é uma afirmação crítica ou se o próprio Swift sucumbiu à "esquizofrenia da era moderna".

a velhice e o envelhecimento do corpo são percebidos como algo profundamente patológico (cf. Featherstone/Hepworth 1991, 379).

Na minha opinião, estudos como estes – mesmo que isto não seja aí tão obviamente explicitado – dão pistas instrutivas sobre a dissociação psicossocial da velhice. Eles também são muito capazes de nomear claramente o seu mecanismo psicológico – nomeadamente sob a forma de uma separação da velhice ou do corpo velho do eu (sem idade); em alguns casos, eles próprios usam mesmo termos como separação ou dissociação. O que todos eles sem excepção não fazem, no entanto, é vi-  
rar as suas conclusões de forma consequentemente crítica, a fim de chegar realmente ao fundo do fenómeno. Em vez disso, permanecem presos na superfície do fenómeno e transformam as suas descobertas potencialmente críticas numa insípida e afirmativa teoria da identidade da velhice, reinterpretando a não-identidade da velhice, socialmente imposta e completamente precária, como uma identidade da velhice positiva e "bem-sucedida". Para Kaufman, o "eu sem idade" refere-se muito simplesmente, neste sentido, ao facto de as pessoas em causa terem aparentemente conseguido manter uma certa continuidade na transição para a fase de vida da velhice. Vista deste modo, a velhice não marca uma ruptura no desenvolvimento da personalidade, mas seria obviamente possível às pessoas preservarem e manterem a sua própria identidade através de mudanças sociais e físicas relacionadas com a velhice. Featherstone e Hepworth, por outro lado, interpretam o fenómeno da "máscara da velhice" – inteiramente na tradição das teorias pós-modernas – como indicação de uma crescente fractura das normas tradicionais da velhice e de uma correspondente "liquefacção" das identidades (da velhice), que fazem com que as imagens da velhice e os estereótipos sociais negativos contradigam cada vez mais a auto-imagem das pessoas idosas.

Mais consequentemente do que em tais interpretações, no entanto, dificilmente se poderá erradicar o momento crítico contido nas conclusões anteriormente elaboradas. Se o material fosse realmente levado a sério e a análise fosse colocada num contexto crítico da dissociação e do valor, a análise teria de chegar a uma conclusão completamente diferente, o que já à primeira vista é francamente evidente: Nesta perspectiva, o "eu sem idade" e a "máscara da velhice", como padrões de interpretação da velhice, não se referem naturalmente nada a uma identidade de velhice positiva, mas sim ao seu exacto oposto, ou mesmo à impossibilidade de tal identidade. Não se trata aqui de representações de uma identidade de velhice positiva, mas de um "acto de autodefesa" psicológico, se se quiser. Numa sociedade em que tudo o que não está na forma do valor é degradado ao estatuto de inferior e deficiente, e em que as pessoas são medidas apenas pela sua fungibilidade para o fim-em-si social da valorização do capital, a velhice não pode, em princípio, ser um momento da existência humana que seja possível identificar. Quem quiser manter o seu estatuto de sujeito na forma do valor – e qualquer um só pode querer isso, porque quem o perde deixa de ser de facto um ser humano na sociedade capitalista<sup>13</sup> – não se identifica como velho; ou nunca envelhecendo, ou (já que isso é biologicamente impossível, a menos que se suicide bastante cedo) pelo menos não parecendo velho. A esta luz, o "eu sem idade" e a "máscara da velhice" provam ser estratégias de sobrevivência, ou antes, trabalhos de recalcamento psicológico de pessoas que, de facto, "envelhecem", mas que em nenhuma circunstância podem "ser velhas" e, portanto, têm de repelir a velhice com todos os meios

---

13 No contexto da velhice e do envelhecimento, talvez a forma mais impressionante seja a dos casos em que os idosos, por exemplo, em demência, perdem a sua subjectividade jurídica, que representa uma componente bastante central da forma de sujeito capitalista na forma do valor, e – como já se pode ver pela lógica dos direitos humanos – da humanidade capitalista moderna em geral. Ao deixarem de ser pessoas jurídicas, os idosos deixam praticamente de ser seres humanos no sentido mais estrito dos direitos (humanos). Várias formas de representação legal (por exemplo, curatela jurídica) estão então ligadas a isto. A propósito, esta é exactamente a mesma lógica que subjaz à referida desvalorização dos idosos e dos necessitados de cuidados, precisamente em nome da autodeterminação e da autonomia, nos actuais discursos sobre a eutanásia (ver nota de rodapé 9): o sujeito capitalista moderno só pode pensar em si próprio como auto-determinado e autónomo, situação em que a autodeterminação se refere principalmente à capacidade negocial e jurídica do monádico trabalhador independente. Se esta capacidade negocial e jurídica deixar de existir, perde-se também o estatuto de sujeito como tal, o que, do ponto de vista da forma de sujeito na forma do valor, é um estado insuportável e francamente insusceptível de ser vivido. Isso, então, "já não é vida" no sentido mais verdadeiro da palavra.

ao seu alcance, para obterem uma identidade subjectiva e social razoavelmente sustentável e não ficarem, perante si mesmos e perante a sociedade, (na melhor das hipóteses) como uma "pessoa de segunda classe". Portanto, tudo o que tem a ver com a velhice e se refere à velhice e ao envelhecimento da pessoa tem de ser banido do eu. Ou, dito de outro modo: No sentido mais verdadeiro da palavra, o ser humano moderno tem de dissociar-se da velhice e do envelhecimento e, portanto, de uma parte de si mesmo e da sua existência física. Nesta perspectiva, o "eu sem idade" do sujeito moderno é a consequência psicossocial mais visível e mais extrema da dissociação especificamente capitalista da velhice.<sup>14</sup>

Neste recalçamento psicossocial da velhice, que se manifesta sobretudo na dissociação entre um corpo velho ou envelhecido e um eu concebido como sem idade, reside também de resto o verdadeiro cerne de numerosos estudos de gerontologia social (já mencionados) que falam de "recalçamento da velhice" ou "age denial" em relação a tais fenómenos de negação ou recalçamento da velhice e do envelhecimento (cf. Bultena/Powers 1978; Andrews 1999; Gillick 2006; Degele 2008). O seu problema, no entanto, é que eles não têm em mente os pressupostos sociais do "recalçamento da velhice", que são a estrutura capitalista de dissociação-valor com sua forma de sujeito "sem idade" e profundamente hostil à velhice. Sem tal referência aos fundamentos capitalistas do "recalçamento da velhice", os fenómenos correspondentes podem, na melhor das hipóteses, ser problematizados em termos de crítica da cultura, sem se aproximar nem um passo de uma explicação, uma vez que, em última análise, permanece em aberto a razão pela qual a moderna "cultura da velhice", que leva as pessoas a recalçar a velhice e o envelhecimento, é de facto tão negativa. O que é necessário aqui é um conceito crítico de uma "dissociação da velhice" genuinamente capitalista, que localize a hostilidade moderna à velhice e com ela o desejo humano de negar e recalçar a velhice na estrutura fundamental e abrangente de dissociação-valor das sociedades capitalistas, tornando-a assim acessível à crítica radical.

O trabalho de recalçamento, provavelmente não suficientemente mensurável na sua complexidade psicológica, que exige às pessoas a construção de um "eu sem idade", concretiza-se, em última análise, principal e logicamente numa mania de juventude que aumentou até ao grotesco nos últimos anos, da qual vive uma próspera indústria *anti-aging* com vendas anuais que já atingiram os milhares de milhões. O arsenal aqui varia de cremes anti-rugas, terapias hormonais, *fitness*/bem-estar a preparações vitamínicas, Viagra, Botox e cirurgia plástica – tudo ao serviço do "eu sem idade" na lógica da dissociação-valor. A esta luz, a medicina *anti-aging* incorpora a consequência lógica de uma esquizofrenia da moderna subjectividade (da velhice) que foi completamente desfigurada até isso ser reconhecível, para a qual, obviamente, não é concebível uma existência mais indigna do que a da velhice. A "luta" contra a velhice começa cada vez mais cedo; já aos 30 anos algumas pessoas atingiram um primeiro limiar crítico no processo de envelhecimento. Isto é particularmente verdade para as mulheres, que como se sabe recebem muito do seu reconhecimento social da sua bela aparência, e para as quais a velhice é, portanto, duplamente ameaçadora, ou pelo menos diferentemente

---

14 Outro erro, além da mera afirmação do moderno "eu sem idade" como em Kaufman e Featherstone/Hepworth, é derivar a tensão entre o corpo envelhecido e o eu sem idade simplesmente, trans-historicamente, de uma longa história de cultura e civilização. Peter Öberg (cf. Öberg 1996), por exemplo, no seu texto *The absent body*, vê as causas para a dissociação ou desprendimento do corpo idoso de um eu concebido como sem idade, principalmente num dualismo ontológico de corpo e mente, que é característico do pensamento ocidental e pode ser rastreado até à antiguidade. Mas isso significa, é claro, falhar pela base a constituição específica da moderna forma capitalista de sujeito. Porque, embora o dualismo entre corpo e mente ou eu tenha uma longa tradição e história cultural, que é sem dúvida também importante para a subjectividade moderna, sob premissas capitalistas este dualismo tem, contudo, uma qualidade diferente das sociedades pré-modernas, e esta qualidade diferente deve ser tida em conta teoricamente. No caso de Öberg, o carácter trans-histórico da análise conduz afinal a que, embora sugira um certo agravamento deste dualismo com a emergência da modernidade, é precisamente este agravamento que não pode ser explicado. Mas é precisamente esta qualidade própria do dualismo ocidental do corpo e da mente quase levado ao extremo que constitui essencialmente o eu "sem idade" moderno, e que emerge da forma específica da socialização capitalista e a partir da qual também deve ser explicada.

dos homens.<sup>15</sup> Não é por acaso que as mulheres são a principal clientela da indústria *anti-aging* e de beleza, embora cada vez mais homens utilizem os seus serviços (cf. Ginn/Arber 1993; Öberg 2003; Twigg 2004; Hurd/Griffin 2007). Isso também segue directamente a lógica de dissociação-valor, na qual a feminilidade está associada principalmente à beleza e a uma aparência sexualmente atraente, enquanto os corpos masculinos são vistos primeiramente como instrumentos de acção, sendo os homens medidos mais pelo seu desempenho e funcionalidade física. A maior preocupação dos homens idosos não é, portanto, tanto estética como funcional. Especialmente nas últimas décadas, a "disfunção eréctil", postulada por discursos médicos e mediáticos, tornou-se a doença da velhice masculina por excelência – um discurso que também está ligado a um enorme complexo médico-industrial em constante crescimento (ver Marshall/Katz 2002 para mais detalhes). No início de Agosto de 1999, o grupo norte-americano Pfizer tinha vendido 3,8 milhões de comprimidos de Viagra só na Alemanha a cerca de 400.000 pacientes (cf. Schroeter 2012, 206). Assim, o que para as mulheres é a preservação compulsiva da beleza juvenil na velhice, com a ajuda de cosméticos, Botox, cirurgia plástica, etc., é para os homens a capacidade a garantir, com Viagra e C<sup>a</sup>, mesmo na velhice "ainda conseguir ter uma erecção".

Portanto, a dissociação da velhice também tem – não só, mas sobretudo ao nível psicossocial aqui discutido – uma série de implicações específicas de género que devem ser tidas em conta analiticamente (no entanto, uma discussão mais detalhada não é infelizmente possível neste texto e tem de ser reservada para uma eventual análise posterior, num ensaio independente).

## **Psicologia social da superfluidade**

De modo particularmente impressionante, ou melhor, chocante, exacerba-se também a nível psicossocial a expressão da superfluidade dos idosos, institucionalizada na reforma e no lar de idosos e transmitida cultural-simbolicamente em discursos negativos sobre a velhice. A superfluidade dos idosos na lógica do valor é geralmente o elemento impulsionador da dissociação psicossocial da velhice; é a ela que se deve a veemência e a determinação com que os seres humanos se defendem contra a velhice, não querendo de modo nenhum deixá-la tornar-se parte da sua pessoa e da sua identidade. Efeitos ainda mais drásticos e existencialmente ameaçadores desenvolve esta superfluidade na auto-imagem das pessoas que são apanhadas pela velhice (o que é inevitável a longo prazo) e que já não são capazes de a recalcar facilmente. Quase não há nenhuma conversa ou entrevista orientada qualitativa ou biograficamente com pessoas idosas sobre a sua situação de vida, em que elas não dêem a entender clara e repetidamente, com toda a veemência, que não podem imaginar nada pior do que ser um fardo para os outros devido à velhice, seja financeiramente ou por necessidade de cuidados (cf. Pleschberger 2005, por exemplo). É a superfluidade da velhice que penetrou no sujeito e nele se incorporou que aqui se articula, tornando-se reconhecível no medo de ser um "lambão inútil", que sabe que só é tolerado pela sociedade com reservas e não pode esperar solidariedade irrestrita nem sequer da própria família. Assim, estas pessoas percebem o lar de idosos predominantemente como aquilo que ele é: um lar seguro, para onde são deportados aqueles que sobrecarregam indevidamente os seus familiares (se os tiverem) com a decadência física e mental relacionada com a velhice<sup>16</sup>. Em todo o caso, esta associação do lar com um centro de detenção é feita so-

---

15 No ensaio de Simone de Beauvoir sobre a velhice, esta relação de género já se resume em princípio muito apropriadamente: "O macho não é presa da velhice; ele não precisa de ser fresco, suave, gracioso, mas forte e inteligente; o cabelo branco e as rugas não contradizem este ideal masculino" (Beauvoir 1987/1970, 252). Mais tarde, Susan Sontag introduziu o conceito de "double standard of ageing" (ver Sontag 1975), segundo o qual as mulheres, como resultado da sua fixação identitária em valores transitórios como beleza e atractividade sexual – em contraste com os homens, cujo estatuto social é baseado em valores duradouros como poder e prosperidade – estão, por assim dizer, expostas a uma dupla marginalização e discriminação, tanto sexista como relacionada com a velhice.

16 Como forma extrema de "deportação", a gerontologia parece ter-se deparado cada vez mais com o fenómeno de idosos necessitados de cuidados serem, por vezes, simplesmente abandonados em qualquer lugar. Esta prática esteve em foco pela primeira vez nos EUA, e entrou no discurso gerontológico como "granny dumping" com o caso de um pacien-

bretudo por aqueles para quem a "deportação", por enquanto, ainda está no domínio do possível e é apreensivamente antecipada. O caso é muito diferente com os próprios internados. Aqui a superfluidade parece estar finalmente integrada na sua própria identidade e, por isso, as pessoas só podem estar gratas por cada cuidado e atenção casual, impessoal e friamente profissional que recebem, no negócio de cuidados cada vez mais comercializado (correspondentemente elevados são os níveis de satisfação cientificamente pesquisados nos lares; cf. Albrecht 2003). Mas quanto mais numeroso é o material qualitativo e mais evidentes as referências à subjectividade quebrada das pessoas idosas, como consequência da sua superfluidade na lógica do valor, tanto mais numerosos voltam a ser aqui os estudos gerontológicos que abertamente e quase persistentemente se recusam a tomar realmente nota do seu material. Em vez disso, as declarações dos participantes no estudo são apenas aproveitadas como uma oportunidade para prescrever actividades com significado (e isso significa, acima de tudo: socialmente úteis) para os idosos e/ou para apelar à "sociedade" para que crie oportunidades adequadas para os idosos, no sentido da promoção da "participação social", de modo a que estes tenham novamente um "sentimento de serem úteis" (cf. Heyl et al. 1997; Generali Deutschland AG 2017). Em vez de questionar criticamente as expectativas capitalistas de produtividade, desempenho e trabalho, sobre as quais apenas se baseia a manifestação cultural-simbólica e (especialmente) psicossocial da superfluidade dos idosos, pretende-se que a velhice dissociada volte, pelo menos parcialmente, ao princípio social do desempenho e do trabalho. Ou, por outras palavras: A causa do dano psicológico provocado aos sujeitos pela dissociação da velhice é imediatamente declarada como o seu remédio.<sup>17</sup>

O mesmo procedimento é utilizado para numerosos outros fenómenos ou manifestações de pessoas idosas, que se referem directamente às consequências psicossociais das coerções de identidade centradas no trabalho e no desempenho na sociedade produtora de mercadorias e clamam por uma análise crítica correspondente no estilo da crítica da dissociação e do valor. Um clássico, por exemplo, é o chamado "choque da reforma". Este é o termo utilizado para descrever o fenómeno das pessoas que caem num estado de vazio, por vezes mesmo de depressão, após a reforma e em resultado da perda da sua vida activa estruturada, que se tornou um componente central, muitas vezes mesmo o componente central da vida, em décadas de vida activa. Este problema e a vida na reforma em geral constitui um dos principais temas de pesquisa da gerontologia (social). Do ponto de vista de uma disciplina científica (ou de um programa de pesquisa multidisciplinar, que a gerontologia em sentido estrito apenas representa) que considera simplesmente a manifestação capitalista da velhice e do envelhecimento – tal como a sociedade capitalista em geral – como uma espécie de estado natural e a essência da velhice por excelência, as declarações que expressam um sentimento de vazio na transição da vida activa para a reforma dificilmente podem ser interpretadas de forma diferente de serem a prova empírica da função constitutiva de sentido do trabalho e da necessidade da continuação da actividade na reforma. Kohli e outros (cf. Kohli et al. 1993) chegam mesmo a falar de uma "lacuna na socialização" quando se trata da reforma, uma vez que com o trabalho é removida uma estru-

---

te de Alzheimer de 82 anos, "que foi abandonado pela filha num sábado à tarde em Post Falls, Idaho, a 320 milhas de casa, com um saco de fraldas na sua cadeira de rodas, numa pista de cães. O que não era ilegal neste Estado na altura – ao contrário do abandono de crianças ou de cães" (Künemund 2008, 222). Uma parte não exactamente pequena dos gerontologistas, no entanto, tende simplesmente a minimizar o problema – como Harald Künemund aqui citado, a quem não ocorre nada melhor do que, na comprovada tradição positivista-empirista, que de resto prospera na gerontologia como em quase nenhum outro lugar, subsumir o fenómeno do "granny dumping" na categoria de casos individuais lamentáveis, mas em geral insignificantes, por falta de suficiente "evidência empírica"; como se o problema já estivesse assim resolvido e já tivesse sido desmentida a lógica social na verdade expressa aqui apenas de forma extrema,.

17 Mais uma vez, o alto grau de esquizofrenia que distingue a sociedade capitalista na sua atitude em relação à velhice e ao envelhecimento torna-se aqui claro. Por um lado, os idosos devem deixar de trabalhar e gozar o máximo possível da sua velhice, no sentido de uma "liberdade tardia" e de uma "celebração da noite da vida". Por outro lado, o capitalismo constitui uma forma de sociedade primariamente definida pelo trabalho e pelo desempenho, de modo que uma maior integração social e "participação" dos idosos, como propagada em particular pelos gerontologistas, só pode ser pensada com base no trabalho e no desempenho. Isto mostra, em última análise, a total incapacidade da sociedade capitalista do trabalho para o lazer, ou seja, para passar o seu tempo de forma autodeterminada (cf. Ribolits 1997).

tura essencial que teve uma influência decisiva na vida até então, através da qual as pessoas são "estimuladas a agir, desafiadas e, portanto, 'engajadas'" (loc. cit., 89). Então o que poderia ser mais óbvio do que insistir para que a lacuna seja colmatada com novas "estruturas e programas sociais" (ibid.), por exemplo, sob a forma de um emprego remunerado mais longo ou de um compromisso cívico? Provavelmente não se poderia expressar de modo mais impressionante o facto de uma vida autodeterminada, para além das exigências capitalistas de trabalho e desempenho, já nem sequer pode ser pensada como possível, ou mesmo desejável, mas acima de tudo o facto de as pessoas já não poderem ser deixadas viver uma vida autodeterminada, para além das exigências capitalistas de trabalho e desempenho (é precisamente por esta razão que a gerontologia tem provavelmente de vender às pessoas e, não menos importante, a si mesma o fetiche da actividade, perpetuado na velhice, como uma continuação de uma vida "autodeterminada" e "autónoma" na velhice).<sup>18</sup> O que é potencialmente chocante na descoberta de que as pessoas, quando o trabalho lhes é tirado, simplesmente já não sabem que fazer consigo mesmas e estão completamente decompostas na sua personalidade (um fenómeno que, talvez de forma ainda mais pura, só pode ser observado em desempregados de longa duração) é feito desaparecer deste modo, de acordo com todas as regras da arte, ou melhor, usando de toda a ignorância científica. Aqui, também, é o mesmo padrão novamente: aquilo que oprime as pessoas ao máximo e basicamente as reduz a meras "máscaras de carácter" (Marx) da valorização do capital – desempenho, produtividade e actividade como valores centrais e exigências inevitáveis de trabalho abstracto – é clandestinamente declarado (transfigurado) como sendo a própria essência de uma identidade de velhice bem sucedida. O que na verdade se refere a quão pouca identidade pessoal (pelo menos a identidade pessoal digna desse nome) é realmente concedida às pessoas sob as premissas da socialização do valor é suposto ser a forma mais natural e mais elevada de identidade que as pessoas podem alcançar mesmo na velhice "desobrigada".

No entanto, uma identidade de velhice verdadeiramente "bem sucedida" só poderia consistir no facto de que a velhice e o envelhecimento, como um processo natural, fisiológico (além de toda a transformação social), representa um componente evidente da vida humana finita e não precisa de continuar a ser compulsivamente negada e reprimida, para preservar um estatuto de sujeito reduzido desde o início a trabalho, desempenho, dinheiro, valor e outras categorias capitalistas, porque este é o único estatuto de sujeito que promete reconhecimento como "ser humano" sob os pressupostos da socialização do valor. Tal identidade "genuína" de velhice, no entanto, pressuporia a abolição da relação capitalista de dissociação-valor como um todo, abolição com a qual a velhice como categoria estrutural se tornaria obsoleta, e, em última análise, a própria categoria da "identidade de velhice" (uma invenção da gerontologia de qualquer maneira) perderia seu significado. Quando a velhice e o envelhecimento deixarem de marcar uma contradição com a identidade individual de uma pessoa, mas forem parte integrante dela e do ser humano em geral, então cessa a necessidade de qualquer

---

18 Na história ainda relativamente jovem da gerontologia, houve também abordagens que argumentaram em sentido contrário, mais proeminentemente a chamada *abordagem de desengajamento* dos anos 60 (cf. Cumming/Henry 1961). Esta sublinhava que a redução da actividade e a retirada social constituem a forma mais adequada de adaptação à vida na reforma. Consequentemente, fenómenos como o "choque da reforma", nesta perspectiva, não se referiam à necessidade de continuar a viver activamente na velhice para preencher a lacuna criada pela reforma, mas sim à falta de preparação para a reforma e para a vida socialmente desobrigada que lhe está associada. Em concorrência com o paradigma da actividade, que emergiu quase ao mesmo tempo e é hoje dominante, a abordagem de desengajamento foi, no entanto, negligenciada e – como não é raro na guerra de trincheiras ideológica da empresa científica – foi mesmo colocada sob a suspeita geral de discriminação da velhice (ver Katz 1996, 119ss.). Os poucos gerontologistas que ainda se referem vagamente a perspectivas de desengajamento (se houver) argumentam de forma mansa e defensiva. No entanto, na sua atitude afirmativa em relação à reforma, a abordagem de desengajamento não representa o oposto absoluto do paradigma da actividade, mas apenas a outra face da mesma moeda. Ambos estão imanente e afirmativamente dentro ou a favor do quadro categorial capitalista, que permite apenas a alternativa entre a retirada e a actividade na velhice. Assim, a abordagem de desengajamento também não contém praticamente nenhum conteúdo emancipatório que possa ser mobilizado contra o fetiche da actividade da gerontologia contemporânea em particular e contra as tendências actuais da activação neoliberal da velhice em geral (mais sobre activação da velhice já a seguir).

tipo de "identidade de velhice" distinta (activa, retirada, "sem idade", etc.) (ver mais detalhes no final do texto).

É por isso que é precisamente o activo "negador da reforma", que preenche o seu tempo livre na reforma com actividades sem interrupção, que não é de modo nenhum a antítese do aposentado "com o choque da reforma", como gostaria a expertocracia gerontológica – pelo contrário: Ninguém poderia encarnar melhor e mais impressionantemente a vacuidade, o carácter alienado e a vida sem vida da socialização da dissociação-valor do que o "idoso activo", para quem a actividade inquieta e a ética de trabalho da existência na forma do valor se tornaram tanto a carne e o sangue que ele não consegue mais descartá-los, mesmo quando está há muito desobrigado das suas imposições.

O "idoso activo", como novo ideal social da velhice, ainda terá de nos ocupar em detalhe nos próximos capítulos. Ele é o resultado de uma "metamorfose" pós-moderna da dissociação-valor no "turbo-capitalismo" globalizado e neoliberal, no decurso da qual a dissociação capitalista da velhice, e com ela a hostilidade estrutural à velhice das sociedades capitalistas, assumem uma forma completamente nova. É esta metamorfose que vamos agora analisar.

### **Velhice (envelhecimento) sob o signo da activação neoliberal**

Nas últimas três décadas, aproximadamente, uma profunda mudança de forma pode ser observada no que é chamado de "dissociação da velhice" no presente texto, que à primeira vista pode parecer uma superação ou ultrapassagem da mesma (e em gerontologia também é predominantemente interpretada nesse sentido), mas, num exame mais próximo, representa apenas uma mudança de forma dentro da sua própria lógica processual. Esta mudança consiste sobretudo numa imagem social mais positiva da velhice e dos idosos (pelo menos à superfície), que se reflecte, nomeadamente, na comunicação mediático-pública, política e científica. Enquanto na sociedade capitalista, como foi demonstrado, a velhice, na verdade, foi conotada desde o início e quase tradicionalmente com improdutividade, fraco desempenho, decadência física e mental e outras características negativas semelhantes, esta imagem muito deficiente da velhice tem sido cada vez mais questionada nos últimos anos, estando a economia e a sociedade a descobrir as valiosas "competências" e "potencialidades" das pessoas idosas por si próprias (cf. Staudinger/Schindler 2002; BMFSFJ 2006, Amann 2006; Fangerau et al. 2007; Kruse 2010; Heinze et al. 2011). Em vez de, como até aqui, se dar atenção aos idosos, quando muito, apenas como objectos de assistência social, ou como figuras inactivas sentadas num banco de jardim<sup>19</sup>, dando, por assim dizer, milho aos pombos, e que, depois de já terem morrido na prática socialmente, estão apenas à espera da morte física, os idosos estão cada vez mais a entrar em foco como membros de pleno direito da sociedade, e está na agenda política a sua mais forte integração social e participação na vida social numa "sociedade amiga dos idosos" (cf. OMS 2007; Kruse 2007; Moulaert/Garon 2016). E mesmo o "envelhecimento da sociedade", isto é, o aumento maciço da proporção de pessoas idosas na população, que, segundo as previsões demográficas, se tornará ainda mais agudo no decurso do século XXI, não deve ser visto apenas como um desafio, no sentido de uma nova atitude positiva em relação à velhice, mas sobretudo como uma "oportunidade" e um "enriquecimento" social (cf., por exemplo, Frevel 2004; BMFSFJ 2007). Em suma, a velhice parece estar a descartar o seu estatuto negativo e a sua superfluidade capitalista e a transformar-se, de uma forma de existência inferior na periferia social, em uma parte integrante, socialmente relevante e "valiosa" da própria socialização do valor, com a qual a velhice já não está em contradição e que incorpora um Outro completamente diferente.<sup>20</sup>

---

19 É de facto um clássico entre os numerosos estereótipos da velhice, que é reproduzido até bem dentro da gerontologia. Por exemplo, a capa de um dos mais conhecidos estudos alemães sobre a velhice, o "Berliner Altersstudie" (Estudo da velhice de Berlim), que só foi relançado em 2010, apresenta uma fotografia de quatro senhoras e senhores idosos num banco de jardim, que parecem estar mais estupidificados do que sentados, mas, de qualquer modo, bastante perdidos (cf. Lindenberger et al. 2010).

O novo discurso positivo sobre a velhice dos idosos "competentes" e dos seus valiosos "potenciais" para a sociedade do século XXI encontra a sua expressão mais visível e a sua objectivação institucional mais sustentável num programa sociopolítico que, entretanto, avançou para se tornar o paradigma central acima de tudo da política de velhice europeia – o chamado "*active aging*". Em 2012, a Comissão Europeia proclamou mesmo o "Ano Europeu do Envelhecimento Activo" (cf. [ec.europa.eu/archives/ey2012](http://ec.europa.eu/archives/ey2012)), quase para efeitos de "sensibilização". Uma inovação essencial, que é virtualmente constitutiva do paradigma do *active aging*, é uma mudança fundamental e imanente na categoria social historicamente evoluída da "velhice" como tal. Enquanto a velhice sob o capitalismo tem estado historicamente ligada à instituição da reforma e à retirada da vida activa (remunerada), e tem sido basicamente um produto dos modernos sistemas de pensões ligados à existência capitalista dos assalariados, o "*active aging*" define agora a velhice como uma fase (ainda) activa da vida. Esta actividade na velhice, que é visada pela política de envelhecimento e que se destina a variar entre uma permanência mais longa no processo de emprego (reforma posterior) e um "compromisso cívico" na reforma (trabalho voluntário, cargos honorários, etc.), propaga-se em particular como uma questão de proveito global, tanto social como individual. Por um lado, o "envelhecimento activo" está associado à mobilização do potencial produtivo anteriormente inexplorado dos idosos, que deve ser utilizado e valorizado socialmente, especialmente face à evolução demográfica. "*Active aging*", de acordo com uma definição da OCDE (cf. OCDE 2000, 126), "refers to the capacity of people, as they grow older, to lead productive lives in society and the economy". Em termos práticos, isto significa principalmente "adopting healthy life styles, working longer, retiring later and being active after retirement" (Comissão Europeia 1999). Por outro lado – e para além disso – o "*active aging*" promete também uma maior integração social e participação dos idosos na e com a sociedade, e uma maior qualidade de vida, especialmente através da possibilidade de uma actividade continuada e significativa na velhice. Assim, "*active aging*" descreve principalmente um "process of optimizing opportunities for health, participation and security in order to enhance quality of life as people age". (cf. OMS 2002, 12). O "*active aging*" é geralmente entendido como um programa político para melhorar a imagem social da velhice e combater a discriminação da velhice.<sup>21</sup> O envelhecimento activo – assim diz o postulado político – acaba por beneficiar a todos. A sociedade enquanto tal lucra com isso, porque, deste modo, pode explorar o potencial produtivo que corre o risco de se esgotar com a evolução demográfica. Mas também lucram as próprias pessoas idosas, porque se libertam da sua ampla marginalização social e têm também a possibilidade de, na velhice, serem activas e participarem na sociedade, o que, por sua vez, tem um efeito positivo na qualidade de vida enquanto tal: "*active aging*" como uma "*win-win-situation*", por assim dizer (Dyk 2009, 316).<sup>22</sup>

As raízes do discurso do envelhecimento activo contemporâneo podem ser encontradas essencialmente em dois desenvolvimentos intimamente relacionados, um mais ideológico e outro político-económico. Ideologicamente, o "*active aging*" está enraizado na "descoberta" dos chamados "idosos

---

20 O facto de esta ser apenas uma aparência de mudança substancial no estatuto social negativo da velhice pode ser visto pela circunstância de, paralelamente ou entrelaçado com este novo discurso positivo sobre a velhice, o discurso negativo sobre os "custos da velhice" estar a desenvolver-se mais alto do que nunca e com uma penetração anteriormente desconhecida. A imagem negativa e deficitária da velhice também não desaparece de modo nenhum, mas, como se verá mais adiante, assume apenas uma forma um pouco diferente e, em particular, segue um modo de atribuição diferente. Na verdade, a velha esquizofrenia da longevidade positiva e do discurso negativo sobre a velhice apenas atinge um novo nível aqui.

21 Por exemplo, Alan Walker, um "especialista em velhice" da neomarxista "Political Economy of Aging" mencionada no início, e agora uma das principais ideologias científicas do "envelhecimento activo", nunca se cansa de propagar o "*active aging*" como remédio por excelência contra a discriminação da velhice, alegando: "Age discrimination is the antithesis of *active aging*" (Walker 2002, 128).

22 Esta "promessa de *win-win*" representa também a base ideológica essencial para a legitimação do "*active aging*". O carácter ideológico do discurso *win-win* não pode ser discutido mais detalhadamente neste artigo (ver Stückler 2016 em detalhe). Tendo em vista a mudança pós-moderna da forma da dissociação capitalista da velhice, estão em foco de seguida o contexto político-económico do "*active aging*" e a conexas mudança da imagem social da velhice enquanto tal.

jovens" em meados da década de 1980. O discurso sobre os "idosos jovens" foi particularmente impulsionado pela gerontologia e baseia-se na constatação de que a reforma não marca de todo o início de uma última fase da vida, como talvez ainda tenha sido o caso das gerações anteriores, caracterizada sobretudo pela inactividade, pela marginalização social, pelas doenças da velhice, pela necessidade de cuidados e pela morte, mas que a reforma e, com ela, a velhice em geral – sobretudo devido ao aumento constante da esperança de vida ao longo do século XX – é uma fase da vida que pode, por vezes, durar várias décadas, muitas das quais são gastas com uma saúde relativamente boa e, por conseguinte, ainda têm um elevado potencial de actividade e uma necessidade de actividade. O constructo dos "idosos jovens" assenta também directamente no conceito de actividade acima referido, que desde os anos 60 tem avançado para se tornar o paradigma gerontológico dominante, definindo a vida activa na reforma como a forma mais adequada de adaptação na ou à velhice. Também com o pano de fundo de que, entretanto, as pensões de velhice tinham atingido um nível que ia muito além da mera garantia de existência (o que, aliás, levou também ao facto de, desde então, o tema da pobreza dos idosos, embora reconhecidamente nunca tenha perdido por completo a sua actualidade, especialmente para as mulheres, ter praticamente desaparecido da gerontologia, e só hoje voltar a colocar-se em evidência lentamente face do avanço da precarização neoliberal, cf. Vogel/Klingebiel 2013), surge assim um quadro de idosos "que se mantêm jovens", saudáveis, competentes, activos, amigos do consumo, "conscientes no estilo de vida", que moldam activamente as suas vidas e tempos livres, o que, conseqüentemente, também por meio do correspondente processamento mediático, se torna a nova imagem social da velhice por excelência (cf. em mais detalhe a ascensão dos "idosos jovens" como uma nova figura social Dyk/Lessenich 2009). A economia logo descobriu este segmento em constante crescimento dos "idosos jovens", que culminou no desenvolvimento dos chamados "mercados grisalhos" (cf. Kohlbacher/Herstatt 2008). Na sociologia da velhice, este novo quadro de velhice dos idosos activos "jovens" encontra a sua expressão particularmente numa diferenciação interna da velhice em uma "terceira" e uma "quarta idade" (cf. Laslett 1995). Pretende-se assim ter em conta que a imagem tradicional e antiga da velhice como uma fase da vida caracterizada principalmente pela doença e pela necessidade de cuidados só pode, na realidade, descrever uma minoria de idosos – nomeadamente os senis e os necessitados de cuidados e de assistência – mas não a própria velhice e o "estado normal" dos idosos, pelo que é necessário fazer uma maior diferenciação no que diz respeito à velhice. A "terceira idade", por assim dizer, são os ditos "idosos jovens", que no máximo podem, se tanto, ser descritos como velhos do ponto de vista do calendário, mas de modo nenhum do ponto de vista biológico<sup>23</sup> e certamente não do ponto de vista do seu estilo de vida e do seu potencial de actividade. Somente após a "terceira idade" como uma fase da "velhice jovem, activa e saudável" segue-se finalmente a "quarta" e última idade, que se caracteriza por uma redução das funções físicas e cognitivas e, posteriormente, por uma necessidade de cuidados.

O discurso em torno dos "idosos jovens", como base ideológica do conceito de *active-aging*, está por sua vez incorporado nas tendências político-económicas e entrelaçado com os discursos correspondentes no contexto do neoliberalismo e da globalização. Como toda a ideologia pós-moderna, a dos "idosos jovens", que em última análise equivale a um abrandamento cultural-simbólico das normas da velhice, dos limites da velhice e das identidades de velhice, provavelmente não é suficientemente compreensível sem recorrer às transformações neoliberais (e provavelmente não coincide em sua génese exactamente com o tempo da viragem neoliberal), especialmente desde o pós-modernis-

---

23 A distinção entre velhice segundo o calendário e velhice biológica é também um produto directo do discurso gerontológico do "idoso jovem", e desde então tem sido parte do núcleo das introduções sobre a velhice na gerontologia e na sociologia. Isto significa que, para determinar a velhice de uma pessoa, trata-se menos da velhice segundo o calendário, que resulta do número de anos de vida, do que da velhice biológica, ou seja, do estado geral físico e cognitivo. De acordo com isso, um maratonista de 80 anos, por exemplo, pode ser mais velho em termos de calendário, mas biologicamente falando é mais jovem do que, por exemplo, uma pessoa de 70 anos que necessita de cuidados. Também aqui é central a mensagem de que velhice (nomeadamente no sentido do calendário) não é o mesmo que velhice (no sentido biológico).

mo, com sua mentalidade "*anything goes*" e sua ideologia da virtualidade, como Robert Kurz constata (cf. Kurz 2013/1999), e corresponde notoriamente a uma valorização do capital que, desde então, tem ocorrido praticamente apenas numa economia especulativa de bolhas financeiras e, a esta luz, incorpora virtualmente a forma ideal de representação e de pensamento da época neoliberal. A ligação entre o "*active aging*" e o neoliberalismo pode ser vista no facto de a "activação da velhice" sociopolítica estar directa e inequivocamente integrada na lógica do Estado social activador, que tem vindo a assumir cada vez mais forma desde o final dos anos 90, e, no decurso da radicalização neoliberal abrangente do mercado, tem estado sucessivamente a mudar o seu operar, do modo de assistência e segurança social para o modo de activação. Embora esta activação estivesse inicialmente limitada aos desempregados e aos beneficiários da segurança social, que desde então têm estado sujeitos a um regime de controlo e disciplina cada vez mais degradante, incluindo o trabalho forçado para o Estado (na Alemanha, Hartz IV é proeminente com o seu sistema de "empregos de um euro"; cf. Rentschler 2004), afecta agora especificamente também os idosos, os pensionistas e beneficiários de subsídios. No contexto da "activação da velhice", contudo, para além da globalização e da reestruturação neoliberal, a alteração demográfica na estrutura etária é uma força motriz adicional, que representa a principal base de legitimação do "*active aging*". Neste contexto, os "Relatórios sobre os Idosos", encomendados pelo Governo Federal alemão desde 1993 e redigidos por uma comissão científica de peritos, em que o "envelhecimento activo" foi gradualmente construído ao longo dos últimos vinte anos para se tornar a estratégia de solução central face aos próximos "desafios" demográficos, foram de particular importância nos países de língua alemã (cf. em particular BMFSFJ 2001, 2006, 2010). Estes desafios de uma "sociedade em envelhecimento" devem ser enfrentados sobretudo através de um emprego remunerado mais longo ou de uma reforma mais tardia e de um compromisso cívico (trabalho voluntário) na reforma. A activação da velhice pelo Estado social é, portanto, praticamente sinónimo – mesmo que a instituição da reforma enquanto tal ainda não esteja completamente posta em risco neste momento, mas a população está a ser entretanto sintonizada com uma obrigação de emprego mais longa e direitos de pensão mais baixos – de uma deslegitimação progressiva da reforma por idade em geral, que constituiu até agora a essência da velhice e de toda a política estatal da velhice (especialmente na Europa). A função política e económica central do "*active aging*" também pode ser vista, em última instância, nesta deslegitimação da reforma, como um componente da gestão da crise neoliberal (que foi massivamente intensificada novamente desde o crash de 2008), que tem a ver com uma dívida pública horrenda combinada com um crescimento económico estagnado e (não apenas por causa das alterações demográficas) sistemas de pensões, saúde e segurança social que se tornam insustentáveis a médio prazo. O facto de, numa análise mais detalhada, as esperanças e as abordagens de resolução de problemas associadas e propagadas com o "*active aging*" acabarem por ser amplamente infundadas fala ainda mais sobre o carácter de crise da "activação da velhice", por um lado, mas também, em geral, sobre a extensão da crise actual, que na realidade é uma crise da forma capitalista da sociedade *per se*: Já hoje, na sequência da "crise da sociedade do trabalho", amplamente lamentada, o desemprego nos centros capitalistas atinge constantemente novos máximos, sem qualquer sinal de que isso possa mudar num futuro previsível – pelo contrário. Tudo indica que a sociedade capitalista está a ficar sem trabalho no nível de produtividade que atingiu. Com estas premissas – para além do facto de a disponibilidade das empresas para continuarem a empregar ou a contratar trabalhadores mais velhos ser (e continuar a ser) cada vez menor, mesmo apesar de medidas políticas e subsídios adequados – a questão de como poderia ser exequível a tão apregoada permanência mais prolongada dos idosos no processo de emprego, com vista ao financiamento sustentável do sistema de pensões, sem ser necessariamente à custa de outros segmentos da força de trabalho (especialmente os jovens e os adultos jovens, cujas taxas de desemprego em alguns países europeus há muito atingiram ou ultrapassaram a marca dos 50 por cento) continua a ser um segredo dos "especialistas do mercado de trabalho", dos

economistas e dos ideólogos (especialmente científicos) do *active aging*.<sup>24</sup> Em todo o caso, é óbvio que a propagação do empenhamento cívico na velhice – como, em geral, a promoção e propagação do trabalho voluntário e do voluntariado, que tem sido maciçamente promovido em todo o lado nos últimos anos – não pode ter outra função senão a de deixar a prestação de serviços sociais, que são vítimas do corte progressivo e claro do Estado social, às próprias pessoas e, assim, levá-los a cabo da forma mais rentável possível.

A racionalidade profundamente neoliberal do "*active aging*" prova-se também na relação directa dos discursos sobre actividade, produtividade e potencial da velhice com numerosos outros discursos neoliberais, que na propaganda do *active aging* se condensam num novo discurso social sobre a velhice de uma forma específica, e vice-versa, o "*active aging*" forma também uma espécie de sub-discurso numa complexa rede de tecnologias de governo neoliberais. As tendências neoliberais de economização e activação sociopolítica são, como se sabe, acompanhadas por crescentes exigências de responsabilidade pessoal e de flexibilidade, que se baseiam na retirada progressiva do Estado (social) e numa precarização geral das condições de vida e de trabalho no neoliberalismo. Sob estas premissas, os sujeitos são obrigados a ser cada vez mais adaptáveis, flexíveis e móveis, bem como a uma constante auto-optimização, a um planeamento constante e ininterrupto da sua própria carreira e planos de vida, em que praticamente nada deve ser deixado ao acaso, devendo as pessoas tornar-se literalmente algo como empresários e gestores de si mesmos. Ulrich Bröckling (cf. Bröckling 2007) desenvolveu isso apropriadamente no seu ensaio sobre o "eu empresarial", como forma hegemónica de subjectivação no neoliberalismo. A economização neoliberal vai tão longe que cada vez mais áreas da vida são (devem ser) cada vez mais sujeitas a uma rigorosa análise custo-benefício. E este é claramente um processo que não pode passar sem deixar vestígios, mesmo na velhice. Sob a hegemonia do "*active aging*", a velhice e o envelhecimento, bem como a vida como um todo no "capitalismo flexível", tendem a tornar-se um projecto individual que cada ser humano individual tem de gerir sob a sua própria responsabilidade. O "*active aging*" está a tornar-se um novo ideal social de velhice, para o qual cada pessoa tem de trabalhar, sob a sua própria responsabilidade e também no seu próprio interesse, para planear em conformidade, moldando e trabalhando também o seu corpo em conformidade (por exemplo, através da promoção da saúde, da aptidão física até aos "meios auxiliares" e serviços da indústria *anti-aging*). De modo tão flexível, activo e responsável como o homem neoliberal deve dominar sua vida, ele também deve dominar seu envelhecimento. O "*active aging*" representa, portanto, nada mais que o quadro da nova era de um capitalismo de crise neoliberal, que, na medida em que as obrigações de crescimento e produtividade continuam a aumentar (e agora estão finalmente a levar a forma capitalista para a sua crise terminal), também tem de exigir mais e mais eficiência e produtividade das pessoas, a fim de se manterem vivas, a si se "trititando, gemendo" (Adorno). Nesse sentido, o ser humano flexível, auto-responsável, activo e neoliberal, se tiver de envelhecer, deverá pelo menos fazê-lo activamente, para estar disponível enquanto

---

24 Ver Stückler 2017 para mais detalhes. "Abordagens de solução" semelhantes para lidar com as alterações demográficas, que ignoram completamente a realidade social (de crise), podem ser encontradas não apenas entre os ideólogos *hardcore* do *active aging*, mas também (e especialmente) entre os gerontologistas que se vêem como críticos. Uma vez que a maioria dos gerontologistas críticos, na ausência de uma abordagem radical crítica do capitalismo, não têm muito mais estrategicamente à sua disposição para criticar a discriminação e os discursos negativos sobre a velhice do que a "desdramatização" das alterações demográficas (cujos potenciais de crise são aparentemente apenas vistos como uma espécie de ideologia hostil à velhice das elites políticas e económicas), pode acontecer que se tente encontrar a solução para o problema, por exemplo, num aumento constante da produtividade económica. O principal argumento (ou melhor, o cálculo de merceeiro) é que uma população não activa (idosa) cada vez maior pode ser compensada por uma população activa (jovem) cada vez menor, na medida em que a produtividade aumenta – quase de acordo com o lema: "alteração demográfica? – Nada com que se preocupar" (por exemplo, Köster 2012). É precisamente à sociedade capitalista, já sufocada pela sua própria produtividade, que é decretada ainda mais produtividade, ficando por explicar tanto o problema básico da forma capitalista de produção e de sociedade, e a causa real de sua crise epocal, como a solução para resolvê-lo. Isto apenas como mais um exemplo dos "floreados" afirmativos e basicamente irrealistas de uma crítica categorialmente acrílica da sociedade.

puder como um recurso humano socialmente utilizável, mas pelo menos para não ser um fardo para o público em geral como factor de custo.<sup>25</sup>

## **"Envelhecimento activo" como nova imagem da velhice numa cultura *anti-aging* pós-moderna**

O que agora é decisivo, especialmente no que diz respeito à dissociação da velhice ou – mais precisamente – à tese aqui apresentada (embora esboçada apenas a traços largos) de uma mudança de forma meramente imanente no decurso da "metamorfose" pós-moderna da velhice para uma nova velhice positiva e "activa", e merece um olhar mais atento de seguida é que esta nova imagem positiva da velhice do »*active aging*«, invocada por todos os quadrantes, contrariamente às aparências superficiais e às promessas políticas e científicas, não representa, evidentemente, uma imagem assim tão positiva da velhice, com a qual a visão tradicionalmente negativa da velhice e do envelhecimento, baseada na estrutura capitalista de dissociação-valor, pudesse finalmente ser ultrapassada. Uma análise mais atenta revela que se trata de uma imagem ainda mais negativa da velhice do que aquela que pretende substituir no interesse de uma sociedade "amiga da velhice".

À primeira vista, a relação entre o "*active aging*" e a ultrapassagem de imagens negativas da velhice, da discriminação e da hostilidade à velhice, que é invocada no contexto do "*active aging*" ininterruptamente e quase como um mantra, tem certamente uma certa plausibilidade e mesmo evidência empírica. Com efeito, a sociedade de hoje vê a velhice mais do que nunca do ponto de vista da actividade, da produtividade e do potencial e competências das pessoas idosas. Em toda a parte, especialmente nos *media*, é transmitida a imagem do "idoso jovem" apto e activo – quer se trate das senhoras e senhores mais velhos com os seus bastões de Nordic Walking, dos reformados que continuam na universidade ("aprendizagem ao longo da vida") ou dos que, após a reforma, ainda profissionalmente ou voluntariamente activos podem, por assim dizer, servir como figuras de proa de uma "nova era". Assim, a este respeito, poder-se-ia dizer, em primeiro lugar: missão cumprida. A imagem da velhice, como inevitavelmente associada a degradação física e mental, inactividade, improdutividade e necessidade de cuidados, é basicamente história – pelo menos na sua forma original e tradicional. Um segundo olhar um pouco mais atento, contudo – pois, desde logo, para onde aponta realmente a tão insistente invocação política de uma imagem positiva da velhice, realizada com zelo missionário (ou então, por que teria a nova imagem da velhice de ser invocada tão arduamente e com tanto esforço?) – mostra rapidamente que por trás da bela fachada pós-moderna do "novo mundo da velhice" continua impassível a imagem negativa e deficiente da velhice, com uma tromba ainda mais odiosa.

A "nova velhice" do "*active aging*" está, como demonstrado, constitutivamente ligada à ideia dos chamados "idosos jovens", ou a uma diferenciação interna da velhice em "terceira" e "quarta" ida-

---

25 Que, sob tais premissas político-económicas, reivindicações de um aumento na "participação", "inclusão" e, acima de tudo, "qualidade de vida", como exigidas politicamente pelo "*active aging*", não podem cumprir outra função que não seja ideológica, é óbvio aqui (em mais detalhes, como já mencionado, Stückler 2016). Para a maioria das pessoas, no decurso da precarização neoliberal em avanço e com uma previsível intensificação da crise capitalista, uma melhoria da "qualidade de vida" na velhice (na verdade já em si um vocábulo particularmente nojento, do fundo da linguagem orwelliana, que entretanto determinou completamente a comunicação política) não é de modo nenhum de assumir, mas sim e muito pelo contrário uma deterioração significativa da mesma – se então ela atingir uma idade superior. Como até mesmo estudos "burgueses", ou seja, estudos que são tudo menos suspeitos de crítica social, provam claramente, há uma flagrante desigualdade social na esperança de vida, que voltou a aumentar massivamente, especialmente desde a viragem neoliberal (cf. Olshansky et al. 2012). (Note-se que estamos aqui a falar das zonas de prosperidade do centro capitalista, ainda comparativamente privilegiadas, e não das condições nas regiões miseráveis da periferia. Mesmo que já não se possa ter tanta certeza: De acordo com um relatório da ONU, a esperança média de vida de um homem negro no distrito de Harlem, em Nova Iorque, após as drásticas reformas sociais de Bill Clinton na década de 1990 era de cerca de 46 anos, o que, na verdade, significa uma esperança de vida inferior à que prevalecia em países como o Camboja ou o Sudão nessa altura, cf. Zinn 2007, 651).

des. Os "idosos jovens" na "terceira idade" são quase todos os idosos que são basicamente "não tão velhos" em termos da sua condição física geral e do estilo de vida e, conseqüentemente, do seu potencial de actividade. Esta é, por assim dizer, a mensagem central do "*active aging*", segundo a qual a velhice não está directa e quase automaticamente associada à perda de actividade e de produtividade, ideia essa há muito associada à velhice e ainda hoje assinalada, por exemplo, no mercado de trabalho, onde aos 50 anos se é considerado praticamente não empregável em muitos sectores, sendo-se considerado literalmente sucata. Estas ideias ultrapassadas e deficitárias sobre a velhice deveriam ser rompidas com o "*active aging*", pelo menos é essa a reivindicação, e deveria ser transmitida a mensagem de que estas atribuições negativas à velhice, esta imagem negativa da velhice, não é precisamente uma imagem que corresponda a todos os idosos e que, em rigor, se aplica apenas a uma minoria deles, ou seja, a pessoas muito idosas que necessitam de cuidados. Esta linha central de argumentação do "*active aging*" não teria de ser tão amplamente e por si só contestada – se não fosse apresentada como uma melhoria da imagem social da velhice que é não basicamente melhoria nenhuma. Porque o que não é realmente posto em causa é a perspectiva da deficiência na velhice, que alegadamente é tão veementemente criticada do ponto de vista do "*active aging*". Apenas é questionada a validade empírica desta perspectiva deficitária para o grupo dos "idosos jovens". Só para eles esta imagem negativa da velhice não deve continuar a aplicar-se, porque, na verdade, ainda não são tão velhos que esta imagem da velhice possa ser válida para eles, não só por não ser verdadeira nem corresponder de todo à realidade, mas basicamente porque corresponderia mesmo a atribuições altamente discriminatórias na prática. No entanto, com um esclarecimento tão justificado e correcto à partida, a imagem negativa da velhice não desaparece em si mesma, mas é apenas deslocada para uma idade ainda mais avançada, ou seja, para a velhice. Só os "idosos jovens" já não estão sujeitos a esta imagem negativa da velhice; em vez disso, as normas da meia-idade (que são sobretudo as normas do trabalho abstracto) de desempenho, produtividade, actividade e juventude continuam a aplicar-se-lhes, e todas elas devem ser mantidas no sentido do "envelhecimento activo" na velhice. Isto significa que todas as atribuições negativas à velhice não estão de modo nenhum suspensas, mas são limitadas apenas à quarta idade dos quase "realmente velhos", aos idosos já nem com a melhor boa vontade no mundo activáveis e para a sociedade, portanto, finalmente "sem valor", com necessidade de cuidados – uma velhice ou uma forma de existência que se espera que só chegue muito tarde ou nunca, tão tarde quanto possível graças ao "envelhecimento activo". Na terminologia aqui usada também se poderia dizer que no e através do "*active aging*" existe, por assim dizer, uma diferenciação adicional dentro da dissociação da velhice, divorciando o quase "realmente velho", isto é, o idoso necessitado de cuidados, do idoso jovem, novamente activo. Deste modo, é evidente que a imagem social da velhice não só não é melhorada como se pretendia, mas é mesmo ainda mais desvalorizada. Mais ainda: com a sua constante propaganda da actividade jovem, o "*active aging*" preenche mesmo os requisitos de um programa de *anti-aging*. A velhice é mais do que nunca algo que se faz recuar e se combate o máximo de tempo possível. A este respeito, a nova imagem da velhice do "*active aging*" é tudo menos uma imagem positiva da velhice. Muito pelo contrário: com a sua invocação da actividade e todas as outras normas da meia-idade, que se estendem até à velhice, por assim dizer, e assim exigem das pessoas a manutenção prática da juventude eterna, é, em princípio, uma imagem ainda muito mais negativa da velhice do que aquela que se pretende ultrapassar.

Por conseguinte, não é por acaso que a nova "era" do "envelhecimento activo" coincide imediatamente com o *boom* de uma indústria *anti-aging* que está a assumir dimensões cada vez maiores. "*Active aging*" e "*anti-aging*" são praticamente a mesma coisa. Só em condições sociais em que a actividade e a produtividade na forma do valor se espalham em normas vinculativas também para a velhice é que pode realmente tomar forma um complexo *anti-aging* tão gigantesco, que entretanto se tornou um factor económico significativo. Somente com a constituição de um carácter social do "que envelhece activamente", no qual a compulsão esquizofrénica do sujeito burguês-capitalista para a "ausência de idade" se desenvolve plenamente, a indústria *anti-aging* ganha a sua necessária

base de negócios. Naturalmente, ela própria trabalha diligentemente na produção deste carácter social – isto acontece em qualquer pesquisa construtivista ou analítica do discurso, culturalmente reductora, sobre o complexo *anti-aging*, e nos discursos biomédicos sobre a velhice (cf. Vincent 2006; Spindler 2009) – mas encontra sempre o terreno fértil para isso e uma correspondente disposição psicológica nos sujeitos da mercadoria socializados no capitalismo, que só nesta base os pode formar como seus/suas clientes. Perante esta identidade entre "*active aging*" e "*anti-aging*", também pouco adianta, e parece até um pouco patético, quando a gerontologia (especialmente a ala das ciências sociais) se queixa de que a medicina *anti-aging* redefine de facto a velhice como uma doença que precisa de tratamento, soprando mesmo em sua indignação no sentido duma "war on *anti-aging* medicine" (cf. Binstock 2003) – seria, em última análise, apenas uma guerra entre irmãs gémeas. Por mais que a gerontologia, com sua "crítica" e suas "reservas éticas", possa resistir e defender-se contra essa visão bioligística da velhice e do envelhecimento, a medicina *anti-aging* basicamente incorpora a consequente continuação de toda essa gerontologia que, com o seu fetiche do *active-aging* e os seus estreitos programas de "envelhecimento activo e saudável", por si só o faz o tempo todo. O "*anti-ager*" é, na verdade, apenas a forma extrema do "*active ager*" e a gerontologia (ainda que involuntariamente e disso inconsciente) é a ideóloga de uma cultura pós-moderna *anti-aging*, que pretende que o objectivo mais elevado da vida é entrar "no caixão" tão activo, saudável e apto quanto possível (cf. Duttweiler 2010; da mesma forma também Dyk/Graefe 2010).

No entanto, tudo isto aponta imediatamente para o facto de que, na sociedade pós-moderna do "envelhecimento activo", não é simplesmente, como poderia parecer à primeira vista, superada a moderna dissociação da velhice, que tradicionalmente reduz a velhice ao estatuto de Outro inferior, sendo assim ultrapassadas a tradicional hostilidade estrutural e discriminação da velhice, mas na realidade trata-se apenas de uma transformação imanente da própria dissociação, que se expressa precisamente no facto de continuarem a existir desigualdades, exclusão e discriminação da velhice, ainda que parcialmente sob outras formas. A forte integração social das pessoas idosas no contexto do "*active aging*" não faz desaparecer a discriminação em razão da idade, mas esta continua a ser uma necessária característica estrutural da sociedade capitalista (e, numa "cultura" pós-moderna de *anti-aging*, atinge mesmo um nível completamente novo); nem a positivação contemporânea do discurso social sobre a velhice significa o fim de qualquer hostilidade à velhice, pelo contrário, é apenas um sintoma de uma escalada radical da hostilidade à velhice, mesmo numa sociedade capitalista cada vez com maior incapacidade de reprodução e mais "envelhecida". Por assim dizer, paralelamente ao "asselvajamento do patriarcado" constatado por Roswitha Scholz (tendo em vista a relação de género) no decurso da mudança de forma imanente pós-moderna da dissociação-valor, há também um "asselvajamento" da moderna hostilidade à velhice, que é literalmente levada ao extremo na cultura *anti-aging* do século XXI. A velhice e o envelhecimento nunca foram tão negativamente conotados como actualmente, em que o discurso social sobre a velhice é mais "positivo" do que nunca e a velhice (supostamente) abandonou o cheiro do improdutivo, inútil e supérfluo. Pois na crise epocal em que o sistema de produção de mercadorias obviamente atingiu o seu próprio "limite interno" (Marx) – quase o ponto final do processo de acumulação de capital como fim-em-si – e agora, num fundamentalismo de mercado exacerbado em loucura aberta, se agita selvaticamente para transformar em dinheiro tudo o que ainda possa de algum modo ser transformado em dinheiro, tentando, por assim dizer, pela última vez, em desespero cego, mobilizar todos os seus recursos humanos (ainda que seja como trabalhadores honorários não remunerados na administração do estado de necessidade social, disponibilizando benefícios sociais que já não são garantidos no capitalismo de crise), também os idosos, em nome da "inclusão social" e da "participação", são "devolvidos à valorização social" (cfr. Amann et al. 2010: 47), e apenas uma coisa eles enquanto velhos não estão autorizados a ser em nenhuma circunstância: nomeadamente velhos. Mesmo como velhos, têm de ser "jovens" até à sepultura, e consequentemente activos e produtivos, a fim de manterem artificialmente vivo um sistema praticamente moribundo. Esta insanidade encontra a sua expressão psicossocial directa no esquizofrénico carácter social *anti-aging* do "envelhecimento activo", no qual de

certo modo se pode ler, quase como num espelho do último amoque do sistema capitalista em sua crise epocal, o amoque de um sujeito burguês-capitalista que ficou definitivamente louco em si mesmo e na sociedade, na fase da sua decadência. A "pessoa em envelhecimento activo" trabalha compulsivamente e com todos os meios para manter a actividade, a produtividade e a juventude, situação em que o "cuidado de si" (Foucault) – em todo o caso a orientação central para a acção do pós-moderno sujeito de crise, totalmente virado para si mesmo – é transformado sob premissas *anti-aging* numa verdadeira "luta por si mesmo" (Duttweiler 2003, 37). Com um "arsenal de armas" até há pouco tempo inimaginável – desde *fitness*, medicamentos, hormonas, cosméticos, até cirurgia plástica, células estaminais e nanotecnologia – o envelhecimento é combatido no mais verdadeiro sentido da palavra e são feitas tentativas de parar, inverter ou pelo menos atrasar o processo de envelhecimento – e com resultados por vezes grotescos ou até monstruosos: figuras que fizeram *lifting* até à irreconhecibilidade, inúmeras vezes corrigidas com operações plásticas, que de facto já quase não são velhas no verdadeiro sentido, mas também já não se parecem com seres humanos. Segundo alguns peritos biomédicos, em particular os recentemente virados fanáticos do transumanismo, que cada vez mais transpira a empreendimento científico obviamente desorientado perante o capitalismo de crise, o mundo já não deveria, num futuro previsível, ser povoado sequer por seres humanos, mas sim por ciborgues, criaturas equipadas com implantes biotecnológicos, que teriam eliminado, juntamente com a sua deficiente humanidade, tanto quanto possível também a sua mortalidade e, finalmente, teriam ultrapassado também o envelhecimento (cf. Becker 2015). O que costumava ser unicamente tema de filmes distópicos de ficção científica e de filmes de terror *à la* Frankenstein está agora em vias de se tornar a realidade "normal" de uma pós-moderna cultura *anti-aging*, cujos "monstros sem idade" acabam por representar apenas a forma extrema e a consequência última de um novo ideal pós-moderno de velhice, a "velhice jovem e activa". Nesta forma extrema do *anti-aging*, até mesmo a diferença entre indivíduo e sociedade, entre sujeito e objecto, parece acabar por ser completamente eliminada (da mesma maneira que os cães e os donos ou donas às vezes se parecem entre si até à confusão): Assim como o sistema capitalista só leva uma existência de *zombie*, como cadáver animado cosmeticamente revigorado e mantido artificialmente vivo a todo o custo, simplesmente porque de modo nenhum pode morrer para o mundo, assim também as suas criaturas do *anti-aging*, que não podem envelhecer e combatem compulsivamente o inevitável, aparecem como mortos-vivos, há muito tempo desprovidos de qualquer vida, e que, no entanto, permanecem entre os vivos como tristes fantasmas.

## Conclusão

As linhas gerais para uma teoria crítica da velhice e do envelhecimento na sociedade produtora de mercadorias, neste texto esboçadas apenas a traços largos, referem-se a factos essenciais a que ainda terá de chegar uma pesquisa académica sobre a velhice e o envelhecimento que trate "criticamente" da discriminação e da hostilidade à velhice: Por mais voltas que se dê, sob premissas capitalistas simplesmente não se pode ter senão uma imagem negativa da velhice. Numa sociedade em que tudo o que não é absorvido na lógica capitalista de valorização, tudo o que sai do sistema das categorias capitalistas de trabalho, desempenho, produtividade, etc. é empurrado para o estatuto de inferior e deficiente, também a velhice nunca pode ser outra coisa senão uma deficiência e algo de perturbador. O que torna ainda mais necessário criticar a hostilidade à velhice e a discriminação da velhice de um modo que tenha suficientemente em conta este incontornável contexto social. Caso contrário apenas se ficará com a invocação desamparada de uma imagem positiva da velhice – e infelizmente isso não ajudará muito, mas apenas e bem pelo contrário tapaná ideologicamente a estrutura básica capitalista hostil à velhice que continua a existir e, assim, também involuntariamente a estabilizará e reproduzirá duradouramente. Como se pretendeu mostrar neste artigo, especialmente a teoria da dissociação-valor pode contribuir decisivamente para uma melhor compreensão e uma crítica teoricamente sólida da hostilidade estrutural à velhice no capitalismo.

É precisamente a coincidência paradoxal da imagem "positiva" da velhice ("envelhecimento activo") e da escalada radical de hostilidade à velhice e de discriminação da velhice na pós-modernidade, particularmente evidente na relação entre programas e discursos de *active-aging* e práticas de *anti-aging*, que sensibiliza para o facto de que os esforços para melhorar as imagens sociais da velhice e para ultrapassar as estruturas hostis à velhice, desde que não visem ao mesmo tempo abolir as relações de dissociação-valor (isto é, em linguagem simples: abolir a forma capitalista da sociedade como um todo) estão necessariamente e à partida condenados ao fracasso. A activação dos idosos e a sua alegada inclusão social por ela mediada acaba por não passar da sua negação social como idosos, e está ligada à preservação da actividade, da produtividade e da juventude durante tanto tempo quanto possível, o que é expressamente exigido às pessoas no seu próprio interesse e no da sociedade no seu conjunto, num contexto de alterações demográficas. Esta negação é executada sobretudo pelas próprias pessoas sobre si mesmas e sobre os seus corpos, através de uma grande variedade de práticas *anti-aging*, para as quais uma indústria *anti-aging* em constante crescimento fornece os meios.

Neste contexto, uma crítica emancipatória só poderá consistir em desmantelar radicalmente a forma capitalista da velhice e do envelhecimento – e isso terá de significar acima de tudo: a forma capitalista do "percurso de vida" em geral. Neste ponto, têm razão os pesquisadores pós-estruturalistas pós-modernos que argumentam sobre a velhice e o envelhecimento (cf. Dyk 2009; 2014): O problema consiste na construção social de fases distintas da vida, que em primeiro lugar também produz a "velhice" como uma fase independente da vida, com uma identidade específica da velhice que é diferente do resto da vida (embora seja quase impossível as pessoas vivê-la, sendo portanto negada e repelida com todas as forças). Mas estas fases da vida são apenas um produto genuinamente capitalista. É o ajustamento e disciplinamento social das pessoas, e a orientação de toda a sua vida de par com o trabalho abstracto e suas exigências de desempenho e produtividade, que fazem com que o percurso da vida se desintegre em fases da vida estritamente separadas, em que a velhice é constituída precisamente pelo facto de deixar o processo social do trabalho. Esta é também a principal razão da hostilidade generalizada à velhice e da discriminação dos idosos, porque numa sociedade capitalista, que apenas entende trabalho, trabalho e mais trabalho (segundo Hannah Arendt), eles aparecem frequentemente como factores de custo improdutivo e "lambões inúteis". Portanto, não basta problematizar a mera existência de fases distintas da vida, mas é preciso olhar criticamente para a forma capitalista ou para a base capitalista do percurso da vida moderna enquanto tal, sem cuja consideração teórica a crítica tem inevitavelmente de rodar em falso.<sup>26</sup> Pelo contrário, seria necessário desenvolver uma perspectiva da vida humana para além das formas fetichistas de valor, trabalho, actividade, produtividade, desempenho, etc., para que o envelhecimento, como sempre um processo biológico, possa ser um componente "natural" e, como tal, habitável da existência humana, e já não

---

26 O problema não pode, portanto, ser reduzido à binariedade de categorias como "jovem" versus "velho", cuja desconstrução algumas abordagens pós-modernas em gerontologia estão a pressionar para contrariar a desvalorização social da velhice (cf. Maierhofer 2015). A relação hierárquica entre "jovem" e "velho" na sociedade moderna não se baseia de modo nenhum simplesmente na sua binariedade. Esta poderia referir-se teoricamente apenas à mera designação do facto de algumas pessoas terem estado no mundo mais tempo do que outras (e vice-versa), sem que qualquer avaliação e muito menos hierarquia tivessem de lhe estar ligadas. A hierarquização ou, em termos concretos, subvalorização da velhice em relação à juventude decorre unicamente da "hierarquia do valor" das sociedades produtoras de mercadorias, em que a velhice representa um estado agregado da existência humana que é simples e pateticamente incompatível com a subjectividade do trabalho e da concorrência, a qual, por sua vez, é a base constitutiva da forma moderna e capitalista de sujeito. Aqueles que não tomam nota desta conexão capitalista fundamental bem podem desconstruir categorias como "juventude" e "velhice" por muito tempo – nada de essencial mudará como resultado, uma vez que o problema real não será tocado de todo. O único resultado que esta prática supostamente crítica de desconstrução pode ter (semelhantemente às teorias e práticas do movimento *queer* em relação ao género e à sexualidade, que presumivelmente também não por acaso foram aplicadas nos últimos tempos no contexto da velhice e do envelhecimento, cfr. Dyk 2014) é a sucessiva liquefacção das normas da velhice e das identidades da velhice, mas que de qualquer modo (e precisamente por isso) corresponde à tendência actual para a "ausência de idade" e para o "idoso jovem" e, portanto, tem sempre um flanco aberto às actuais tendências *anti-aging*.

tenha de ser compulsivamente negado e recalçado. Só quando a estrutura capitalista de dissociação-valor tiver sido abolida é que a velhice pode deixar de ser uma forma de existência inferior e a evitar quanto possível, assim podendo também ser ultrapassadas a hostilidade à velhice e a discriminação da velhice. Mas isto pressupõe necessariamente a ultrapassagem da forma capitalista de sociedade como tal.

É precisamente nesta questão da "naturalidade" da velhice e do envelhecimento que as abordagens pós-modernas, devido à sua forma à partida categorialmente acrítica, se enredam quase inevitavelmente num mero construtivismo radical relativista, que reduz a velhice a uma mera construção social, sendo mais ou menos explicitamente renegado e simplesmente negado o substrato mais fundamental e provavelmente apenas realmente biológico da velhice e do envelhecimento: ou seja, precisamente esse processo fisiológico e quase "natural" do envelhecimento que não pode ser ignorado. Por outro lado, há um naturalismo muito difundido na pesquisa das ciências sociais sobre a velhice e o envelhecimento que não conhece outra forma de se ajudar a criticar as tendências actuais para a activação e o *anti-aging* que não seja defender o reconhecimento da dignidade específica da velhice como uma fase independente da vida, para além das normas sociais de actividade e produtividade, naturalismo que, em última análise, no entanto, equivale apenas à mera ontologização e naturalização da velhice (na sua forma dissociada) (cf., por exemplo, Biggs 2004). Até certo ponto, estes são os dois pólos entre os quais tem de mover-se a crítica da hostilidade à velhice, da discriminação da velhice, do *anti-aging*, etc., desde que as bases capitalistas destes fenómenos não sejam tocadas criticamente. Na imanência parece haver apenas a alternativa de idealizar e naturalizar a velhice na sua forma capitalista e deformada, ou de a discutir e desconstruir fora do mundo como uma categoria (juntamente com o processo de envelhecimento fisiológico que é difícil de negar).

Conseguir aceitar e viver o processo biológico de envelhecimento para além da dissociação-valor (e da conexas dissociação da velhice) como componente "natural" da vida não teria certamente o mesmo significado que aceitar simplesmente como dadas e inevitáveis as alterações físicas e muitas vezes também cognitivas (doenças da velhice, necessidade de cuidados, demência, etc.) associadas a este processo (aceitação que apenas equivaleria a um mau naturalismo), e render-se, por assim dizer, ao seu "destino natural da velhice", porque isso "simplesmente pertence" à velhice. Pelo contrário, talvez se possa pensar aqui numa atitude em relação ao envelhecimento, bem como à própria mortalidade em geral, a que Barbara Pichler chama – com recurso ao escritor austríaco Jean Améry – um "reconhecimento revoltado da velhice e do envelhecimento" (cf. Pichler 2011). Isto consistiria no facto de a aceitação da velhice e do envelhecimento, e mesmo da finitude, andar sempre de mãos dadas com uma certa resistência. Neste sentido, o homem idoso, como diz Améry, "aceita o seu aniquilamento, sabendo que só se pode preservar nesta hipótese se se revoltar contra ele, mas que – e aqui reside a aceitação como afirmação de um irrevogável – a sua revolta está condenada ao fracasso. Diz não à negação e, ao mesmo tempo, sim a ela, porque só na negação desesperada é que ele próprio pode enfrentar o inevitável" (Améry 1968, 85s.). Mas tal reconhecimento revoltado da velhice e do envelhecimento, como já foi dito, praticamente só será pensado numa sociedade que vá além das relações capitalistas de dissociação-valor, pois só quando não houver mais dissociação da velhice é que a velhice pode tornar-se "susceptível de reconhecimento" – e sem reconhecimento só resta a "revolta", que hoje culmina na guerra aberta contra a velhice, ou vice-versa, a resignação. O revoltado reconhecimento da velhice e do envelhecimento – questão em que Pichler e Améry quebraram essencialmente pela sua óbvia fixação na forma capitalista – não teria de ser limitado a um "emaranhado ambivalente de actividade e passividade necessárias para permitir que a velhice aconteça" (Pichler op. cit., 6), mas a questão da actividade e da passividade nessa forma provavelmente não surgiria mais por direito próprio, ou pelo menos surgiria de forma bem diferente. A actividade teria de adquirir um significado completamente novo fora das relações fetichistas capitalistas de trabalho, valor, produtividade, desempenho, etc., no sentido de um estar activo no mundo e também sempre pleno de lazer, onde, no entanto, a actividade e a passividade basicamente deixariam de marcar opostos absolutos, mas se fundiriam, por assim dizer, uma na outra. Sob tais premissas soci-

ais, o envelhecimento seria, em princípio, se se quiser, sempre um "envelhecimento activo" desde o início – obviamente sem que tal categoria ainda pudesse ter qualquer significado. Essa velhice e envelhecimento "com revolta reconhecidos" seriam também, sem dúvida, um "envelhecimento saudável" – um termo que hoje, sob premissas de dissociação-valor, se refere sobretudo a "programas de promoção da saúde" que não têm outra finalidade senão a de compensar (e ao mesmo tempo individualizar) os efeitos do modo de vida capitalista na saúde, que são extremamente prejudiciais para a saúde da maioria da sociedade. Para além da forma capitalista, porém, isso só pode significar (excepto no caso de doenças genéticas ou similares individualmente imprevisíveis) a consequência óbvia de uma vida que não é afectada por trabalho assalariado, *stress*, poluição ambiental, tráfego rodoviário, *smog*, pobreza, escassez ou falta de recursos, desnutrição ou má nutrição, vícios, e assim por diante.<sup>27</sup> Possivelmente mesmo as coisas que, no capitalismo, devem ser atribuídas exclusivamente ao sector *anti-aging*, como as terapias médicas que prolongam a vida ou similares, só então se tornarão apropriadas, ou o seu uso significativo. A prevenção ou redução do sofrimento desnecessário e das doenças da velhice não contradiz em absoluto um reconhecimento revoltado da velhice – pelo contrário, só esse pode ser o único significado da pesquisa médica numa sociedade "humana" – mas isso apenas numa sociedade sem dissociação da velhice. Somente quando um reconhecimento revoltado da velhice e do envelhecimento for possível é que as acções e intervenções para aliviar os sintomas da velhice e atrasar o envelhecimento poderão deixar de ser "*anti-aging*".<sup>28</sup>

Só então se poderá falar seriamente de um "envelhecimento com dignidade", tão alegremente pregado na gerontologia, em particular também na crítica, e de uma "dignidade" da velhice. Numa sociedade de "velhice dissociada", em que a velhice não é senão uma deficiência e uma forma inferior de existência, simplesmente não pode haver envelhecimento "digno" em nenhuma circunstância. Mais ainda, a ideia e o pensamento utópico da velhice e do envelhecimento sob premissas de dissociação-valor – pelo menos desde que não abra também uma perspectiva para além da socialização capitalista – conduzem à transfiguração ideológica dos seus indignos pressupostos sociais no capitalismo. Isto é tanto mais verdade hoje em dia, quanto presentemente – enquanto uma atarefada empresa de ética e de ciência assistencial ainda anda às voltas com elevados pensamentos sobre "envelhecimento digno" e "dignidade até ao fim da vida" – já se está a trabalhar intensamente para no futuro os cuidados de assistência aos idosos serem despachados para robôs assistentes, o que sem dúvida significaria um novo pico na degradação social da velhice. Ao mesmo tempo, porém, o "envelhecimento digno", como conceito em si mesmo, terá de se tornar obsoleto no momento da sua realiza-

---

27 Neste sentido, teria então de ser provado quanto das doenças associadas ao envelhecimento actual é realmente causado pelo próprio processo de envelhecimento biológico e quanto se deve realmente a tais efeitos secundários directos da socialização do valor como, por exemplo, na demência: quanto se deve ao processo de envelhecimento biológico "natural" e quanto se pode atribuir, por exemplo, aos desaforos do trabalho assassino da mente e a décadas de sistemática estupidificação da indústria cultural? Finalmente, também teriam um significado um pouco diferente os estudos gerontológicos que apontam repetidamente para um risco significativamente maior de demência para as camadas socioeconomicamente desfavorecidas da população.

28 O caso pode ser diferente com os novos procedimentos e métodos em biomedicina e biotecnologia, por exemplo na engenharia genética. Com a sua obsessão quase delirante com a viabilidade e a perfeição biotecnológica do ser humano, estas parecem-me ser demasiado o produto de uma racionalidade de dominação da natureza radicalmente levada ao extremo no "turbocapitalismo" pós-moderno para que seja concebível que ainda possam encontrar um uso significativo numa sociedade pós-capitalista. É possível que este veredicto seja demasiado abrangente e não se aplique a todas estas tecnologias *per se* – isso terá de ser visto no futuro. No entanto, ainda não tenho conhecimento de qualquer aplicação da engenharia genética, por exemplo, que, devido às suas consequências imprevisíveis para os seres humanos e para o ambiente, não seja muito arriscada e, portanto, problemática – seja a disseminação de plantas geneticamente modificadas com seus efeitos devastadores na biodiversidade, ou os métodos biomédicos para a eliminação selectiva de sequências de ADN que, por exemplo, se destinam a impedir o crescimento de tumores, mas cujos riscos são ainda largamente desconhecidos e possivelmente nunca totalmente controláveis. Nesses casos, só se pode esperar que, como diz Claus Peter Ortlieb, "o conhecimento inútil simplesmente se perca em poucas gerações" (Ortlieb 1998, 46, nota de rodapé 23) e tecnologias como a engenharia genética, bem como numerosos outros fenómenos e tecnologias nascidas da "racionalidade irracional" da "civilização" capitalista (tecnologia nuclear, transporte individual automóvel, tecnologias de armamento, etc.) pelo menos a longo prazo desapareçam novamente no orco da história.

ção social, pois se fundirá directamente com a dignidade humana em geral, numa sociedade que é ela mesma humana. Seria a dignidade de uma pessoa cuja vida já não é determinada pela "ditadura" do valor e do trabalho abstracto, com os seus imperativos de produtividade, actividade e desempenho, e que, portanto, pode finalmente não só *envelhecer* (se isso acontecer), mas também *ser velha* – o que quer que isso signifique. Mas uma sociedade em que isso seja possível já não pode ser uma sociedade capitalista.

## Bibliografia

Albrecht, Peter-Georg: Zufriedenheit im Altenpflegeheim: Aus der Sicht von Heimbewohnerinnen [A satisfação num lar de idosos: Da perspectiva dos residentes do lar], in: Caritasverband Magdeburg (Hrsg.): *Altenpflege im Dialog – ein Werkheft* [Cuidados com os idosos em diálogo – Um manual de instruções], Hannover 2003.

Amann, Anton: *Die großen Alterslügen. Generationenkrieg, Pflegechaos, Fortschrittsbremse?* [A grande mentira da velhice. Guerra de gerações, caos nos cuidados, travão no progresso?], Wien 2004.

Amann, Anton: Unentdeckte und ungenutzte Ressourcen und Potenziale des Alter(n)s [Recursos não descobertos e não utilizados e potenciais da velhice e do envelhecimento], in: Deutsches Zentrum für Altersfragen (Hrsg.): *Gesellschaftliches und familiäres Engagement älterer Menschen als Potenzial. Expertisen zum Fünften Altenbericht der Bundesregierung* [O compromisso social e familiar das pessoas idosas como potencial. Pareceres de peritos sobre o Quinto Relatório sobre a Terceira Idade do Governo Federal], Münster 2006.

Amann, Anton / Ehgartner, Günther / Felder, David: *Sozialprodukt des Alters. Über Produktivitätswahn, Alter und Lebensqualität* [O produto social da velhice. Sobre mania de produtividade, velhice e qualidade de vida]; Wien 2010.

Améry, Jean: *Über das Altern. Revolte und Resignation* [Sobre envelhecer. Revolta e resignação], Stuttgart 1968.

Andrews, Molly: The seductiveness of agelessness, in: *Ageing & Society* 19(3), 1999.

Angus, Jocelyn / Reeve, Patricia: Ageism: a threat to «aging well» in the 21st century, in: *Journal of Applied Gerontology* 25(2), 2006.

Barlösius, Eva / Schiek, Daniela (Hrsg.): *Demographisierung des Gesellschaftlichen. Analysen und Debatten zur demographischen Zukunft Deutschlands* [Demografização do social. Análises e debates sobre o futuro demográfico da Alemanha], Wiesbaden 2007.

Beauvoir, Simone de: *Das Alter*; Reinbek 1987/1970. *A velhice*, Nova Fronteira, 1990/1970.

Becker, Philipp von: *Der neue Glaube an die Unsterblichkeit. Transhumanismus, Biotechnik und digitaler Kapitalismus* [A nova crença na imortalidade. Transumanismo, biotecnologia e capitalismo digital], Wien 2015.

Biggs, Simon: New ageism: age imperialism, personal experience and ageing policy; in: Daatland, Svein Olav / Biggs, Simon (Hrsg.): *Ageing and diversity. Multiple pathways und cultural migrations*, Bristol 2004.

Binstock, Robert H.: The war on »anti-aging medicine«, in: *The Gerontologist* 43(1); 2003.

BMFSFJ: *Dritter Bericht zur Lage der älteren Generation in der Bundesrepublik Deutschland. Alter und Gesellschaft* [Terceiro relatório sobre a situação da geração mais velha na República Federal da Alemanha. Idade e sociedade], Berlin 2001.

dass.: *Fünfter Bericht zur Lage der älteren Generation in der Bundesrepublik Deutschland. Potenziale des Alters in Wirtschaft und Gesellschaft. Der Beitrag älterer Menschen zum Zusammen-*

*nhalt der Generationen* [Quinto relatório sobre a situação da geração mais velha na República Federal da Alemanha. Potencial da velhice na economia e na sociedade. A contribuição das pessoas idosas para a coesão intergeracional], Berlin 2006.

dass.: *Europäischer Kongress »Demografischer Wandel als Chance: Wirtschaftliche Potenziale der Älteren«*, Berlin, 17. und 18. April 2007 [Congresso Europeu "alteração demográfica como Oportunidade: Potencial Económico das Pessoas Mais Velhas", Berlim, 17 e 18 de Abril de 2007], Tagungsdokumentation.

[perspektive50plus.de/fileadmin/user\\_upload/medien/publikationen/Veroeffentlichungen/Tagungsdokumentation\\_EU-Konferenz.pdf](http://perspektive50plus.de/fileadmin/user_upload/medien/publikationen/Veroeffentlichungen/Tagungsdokumentation_EU-Konferenz.pdf), 2007.

dass.: *Sechster Bericht zur Lage der älteren Generation in der Bundesrepublik Deutschland. Altersbilder in der Gesellschaft* [Sexto relatório sobre a situação da geração mais velha na República Federal da Alemanha. Imagens da velhice na sociedade]; Berlin 2010.

Bröckling, Ulrich: *Das unternehmerische Selbst. Soziologie einer Subjektivierungsform* [O eu empresarial. Sociologia de uma forma de subjectivação], Frankfurt/Main 2007.

Bultena, Gordon L. / Powers, Edward A.: Denial of aging: age identification and reference group orientations, in: *Journal of Gerontology* 33(5), 1978.

Cruikshank, Margaret: *Learning to be old. Gender, culture, and aging*, Lanham 2009.

Cumming, Elaine / Henry, William E.: *Growing old: The process of disengagement*, New York 1961.

Degele, Nina: Schöner Altern. Altershandeln zwischen Verdrängung, Resonanzen und Solidaritäten [Belo envelhecimento. Envelhecimento entre recalçamento, ressonâncias e solidariedades], in: Buchen, Sylvia/Maier, Maja S. (Hrsg.): *Älterwerden neu denken. Interdisziplinäre Perspektiven auf den demografischen Wandel* [Repensar o envelhecimento. Perspectivas interdisciplinares sobre as alterações demográficas], Wiesbaden 2008.

Duttweiler, Stefanie: Body-Consciousness – Fitness – Wellness – Körpertechnologien als Technologien des Selbst [Body-Consciousness – Fitness – Wellness – Tecnologias Corporais como Tecnologias do Self], in: *Widersprüche* Nr. 87, 2003.

Duttweiler, Stefanie: Fit in die Kiste kommen – Körpertechnologien des *anti-aging* [Encaixar na caixa - Tecnologias corporais de *anti-aging*]; in: CD-ROM: Soeffner, Hans-Georg (Hrsg.): *Unsichere Zeiten? Herausforderungen gesellschaftlicher Transformation. Verhandlungen des 34. Kongresses der Deutschen Gesellschaft für Soziologie in Jena 2008* [Tempos inseguros? Desafios da transformação social. Conferências do 34º Congresso da Associação Alemã de Sociologia em Jena 2008], Wiesbaden 2010.

Dyk, Silke van: »Junge Alte« im Spannungsfeld von liberaler Aktivierung, ageism und anti-ageing-Strategien ["Idosos jovens" no campo da tensão entre a activação liberal, o ageism e as estratégias anti-ageing], in: Dyk, Silke van / Lessenich, Stephan (Hrsg.): *Die jungen Alten. Analysen einer neuen Sozialfigur* [Os idosos jovens. Análises de uma nova figura social], Frankfurt/Main 2009.

Dyk, Silke van: The appraisal of difference: Critical gerontology and the active-ageing-paradigm, in: *Journal of Aging Studies* 31; 2014.

Dyk, Silke van / Graefe, Stefanie: Fit ohne Ende – gesund ins Grab? Kritische Anmerkungen zur Trias Alter, Gesundheit, Prävention [Em forma sem fim – saudável até à sepultura? Observações críticas sobre a tríade da idade, saúde, prevenção], in: *Jahrbuch für kritische Medizin* 46; 2010.

Dyk, Silke van / Lessenich, Stephan: »Junge Alte«. Vom Aufstieg und Wandel einer Sozialfigur ["O idoso jovem". Ascensão e mudança de uma figura social], in: Dyk, Silke van / Lessenich,

Stephan (Hrsg.): *Die jungen Alten. Analysen einer neuen Sozialfigur* [Os idosos jovens. Análises de uma nova figura social], Frankfurt/Main 2009.

Dyk, Silke van / Lessenich, Stephan / Denninger, Tina / Richter, Anna: Die »Aufwertung« des Alters. Eine gesellschaftliche Farce [A "apreciação" da velhice. Uma farsa social], in: *Mittelweg* 36, 2010.

Ehmer, Josef: *Sozialgeschichte des Alters* [História social da velhice], Frankfurt/Main 1990.

Estes, Carroll L.: *The aging enterprise*, San Francisco 1979.

Estes, Carroll L. / Swan, James H. / Gerard, Lenore E.: Dominant and competing paradigms in gerontology: Towards a political economy of ageing, in: *Ageing & Society* 2(2), 1982.

Europäische Kommission; New Paradigm in Ageing Policy, [ec.europa.eu/employment\\_social/soc-prot/ageing/news/paradigm\\_en.htm](http://ec.europa.eu/employment_social/soc-prot/ageing/news/paradigm_en.htm).

Fangerau, Heiner / Gomille, Monika / Herwig, Henriette / Horst, Christoph auf der / Hülsen-Esch, Andrea von / Pott, Hans-Georg / Siegrist, Johannes / Vögele, Jörg (Hrsg.): *Alterskulturen und Potentiale des Alter(n)s* [Culturas da velhice e potenciais da velhice e do envelhecimento], Berlin 2007.

Featherstone, Mike / Hepworth, Mike: The mask of ageing and the postmodern lifecourse, in: Featherstone, Mike / Hepworth, Mike / Turner, Bryan S. (Hrsg.): *The body. Social process and cultural theory*, London 1991.

Foucault, Michel: *Überwachen und Strafen. Die Geburt des Gefängnisses*, Frankfurt/Main 1994, zuerst 1976/1975. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*, edições 70, Lisboa, 2013/1975.

Foucault, Michel: *Wahnsinn und Gesellschaft. Eine Geschichte des Wahns im Zeitalter der Vernunft*; Frankfurt/Main 2013, zuerst 1961. *História da loucura*, Perspectiva, São Paulo, 2000/1961.

Frevel, Bernhard; Schicksal? Chance? Risiko? – Herausforderung demografischer Wandel! [O destino? Oportunidade? Risco? - O desafio da alteração demográfica!], in: Frevel, Bernhard (Hrsg.): *Herausforderung demografischer Wandel*, Wiesbaden 2004.

Generali Deutschland AG: *Generali Altersstudie 2017. Wie ältere Menschen in Deutschland denken und leben* [Generali Estudo sobre a idade 2017: Como pensam e vivem as pessoas mais velhas na Alemanha], Berlin 2017.

Gillick, Muriel R.: *The denial of aging. Perpetual youth, eternal life, and other dangerous fantasies*, Cambridge 2006.

Ginn, Jay / Arber, Sara: Ageing and cultural stereotypes of older women, in: Johnson, Julia / Slater, Robert (Hrsg.): *Ageing and later life*, London 1993.

Göckenjan, Gerd: *Das Alter würdigen. Altersbilder und Bedeutungswandel des Alters* [Apreciar a idade. Imagens da velhice e mudança de significado da velhice], Frankfurt/Main 2000.

Göckenjan, Gerd: Altersbilder in der Geschichte [Imagens da velhice na história], in: Aner, Kristen / Karl, Ute (Hrsg.): *Handbuch Soziale Arbeit und Alter*, Wiesbaden 2010.

Gullette, Margaret Morganroth: *Aged by culture*, Chicago 2004.

Gullette, Margaret Morganroth: *Agewise: Fighting the new ageism in America*, Chicago 2010.

Heinze, Rolf G. / Naegele, Gerhard / Schneiders, Katrin: *Wirtschaftliche Potentiale des Alters* [Potenciais económicos da velhice], Stuttgart 2011.

Hermann-Otto, Elisabeth: Die Ambivalenz des Alters. Gesellschaftliche Stellung und politischer Einfluss der Alten in der Antike [A ambivalência da velhice. Posição social e influência política dos idosos na antiguidade], in: Hermann-Otto, Elisabeth (Hrsg.): *Die Kultur des Alterns von der Antike*

*bis in die Gegenwart* [A cultura do envelhecimento desde a antiguidade até ao presente], St. Ingbert 2004.

Heyl, Vera / Oswald, Frank / Zimprich, Daniel / Wetzler, Rainer / Wahl, Hans-Werner: *Bedürfnisstrukturen älterer Menschen. Eine konzeptionelle und empirische Annäherung* [Estruturas de necessidades das pessoas mais velhas. Uma abordagem conceptual e empírica], Heidelberg 1997.

Hohmeier, Jürgen / Pohl, Hans-Joachim (Hrsg.): *Alter als Stigma oder Wie man alt gemacht wird* [A velhice como um estigma ou como se envelhece], Frankfurt/Main 1978.

Hradil, Stefan (Hrsg.): *Deutsche Verhältnisse. Eine Sozialkunde* [Condições alemãs. Um estudo social], Bonn 2012.

Hurd, Laura C. / Griffin, Meredith: The body natural and the body unnatural: beauty work and aging, in: *Journal of Aging Studies* 21(3), 2007.

Katz, Stephen: *Disciplining old age. The formation of gerontological knowledge*, Charlottesville / London 1996.

Katz, Stephen: Busy bodies. Activity, aging, and the management of everyday life, in: *Journal of Aging Studies* 14(2), 2000.

Kaufman, Sharon R.: *The ageless self. Sources of meaning in late life*, Madison 1986.

Kersting, Karin: »Coolout« in der Pflege. Eine Studie zur moralischen Desensibilisierung [»Coolout" nos cuidados. Um estudo sobre dessensibilização moral], Frankfurt/Main 2011.

Kohlbacher, Florian / Herstatt, Cornelius (Hrsg.): *The silver market phenomenon: Business opportunities in an era of demographic change*, Berlin 2008.

Kohli, Martin / Freter, Hans-Jürgen / Langehennig, Manfred / Roth, Silke / Simoneit, Gerhard / Tregel, Stephan: *Engagement im Ruhestand. Rentner zwischen Erwerb, Ehrenamt und Hobby* [Compromisso na reforma. Reformados entre emprego, trabalho voluntário e hobby], Opladen 1993.

Kondratowitz, Hans-Joachim von: Alter(n) in Ost und West: Der Wandel normativer Modellierungen des Alter(n)s in historisch vergleichender Perspektive [A mudança nos modelos normativos da velhice (envelhecimento) numa perspectiva histórica comparada], in: Dyk, Silke van / Lessenich, Stephan (Hrsg.): *Die jungen Alten. Analysen einer neuen Sozialfigur* [Os idosos jovens. Análises de uma nova figura social], Frankfurt/Main 2009.

Köster, Dietmar: Thesen zur kritischen Gerontologie aus sozialwissenschaftlicher Sicht [Teses sobre gerontologia crítica do ponto de vista das ciências sociais], in: *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie* 45(7), 2012.

Kruse, Andreas: Ältere Menschen im »öffentlichen Raum: Perspektiven einer altersfreundlichen Kultur [Idosos no "espaço público: perspectivas de uma cultura amiga da velhice], in: Wahl, Hans-Werner / Mollenkopf, Heidrun (Hrsg.): *Alternsforschung am Beginn des 21. Jahrhunderts. Alterns- und Lebenslaufkonzeptionen im deutschsprachigen Raum* [Pesquisa sobre o envelhecimento no início do século XXI. Conceitos de envelhecimento e curso de vida no espaço de língua alemã], Berlin 2007.

Kruse, Andreas (Hrsg.): *Potenziale im Altern. Chancen und Aufgaben für Individuum und Gesellschaft* [Potenciais no envelhecimento. Oportunidades e tarefas para o indivíduo e para a sociedade], Heidelberg 2010.

Künemund, Harald: »Granny-dumping« – die Zukunft des Alters? [»Granny-dumping" - o futuro da velhice?], in: Amann, Anton / Kolland, Franz (Hrsg.): *Das erzwungene Paradies des Alters? Fragen an eine Kritische Gerontologie* [O paraíso forçado da velhice? Perguntas a uma Gerontologia Crítica], Wiesbaden 2008.

Kurz, Robert: *Schwarzbuch Kapitalismus. Ein Abgesang auf die Marktwirtschaft* [Livro negro do capitalismo. Um canto de despedida da economia de mercado], Frankfurt/Main 2009 [1999].

Kurz, Robert: *Die Welt als Wille und Design. Postmoderne, lifestyle-linker und die Ästhetisierung der Krise* [O mundo como vontade e design. Pós-modernidade, esquerda chique e a estetização da crise], Berlin 2013 [1999].

Laslett, Peter: *Das dritte Alter. Historische Soziologie des Alterns* [A terceira idade. Sociologia histórica do envelhecimento], Weinheim 1995.

Laws, Glenda: Understanding ageism: lessons from feminism and postmodernism, in: *The Gerontologist* 35(1), 1995.

Lessenich, Stephan: Demographie: Altersstruktur, Mobilität und Multikulturalismus [Estrutura etária, mobilidade e multiculturalismo], in: Lamla, Jörn / Laux, Henning / Rosa, Hartmut / Strecker, David (Hrsg.): *Handbuch der Soziologie*, Konstanz 2014.

Lindenberger, Ulman / Smith, Jacqui / Mayer, Karl Ulrich / Baltes, Paul B. (Hrsg.): *Die Berliner Altersstudie* [Estudos sobre o envelhecimento em Berlim], Berlin 2010.

Loenen, Gerbert van: *Das ist doch kein Leben mehr! Warum aktive Sterbehilfe zu Fremdbestimmung führt* [Isto já não é vida! Por que a eutanásia activa leva à heteronomia], Frankfurt/Main 2014.

Maierhofer, Roberta: *Salty old women. Frauen, Altern und Identität in der amerikanischen Literatur und Kultur* [Salty old women. Mulheres, envelhecimento e identidade na literatura e cultura americanas], Bielefeld 2015.

Marshall, Barbara L. / Katz, Stephen: Forever functional: Sexual fitness and the ageing male body, in: *Body & Society* 8(4), 2002.

Marx, Lothar: Bauliche Gestaltung in Alten- und Pflegeheimen [Concepção estrutural em lares de idosos e de cuidados continuados], in: Wahl, Hans-Werner / Tesch-Römer, Clemens / Ziegelmann, Jochen Philipp (Hrsg.): *Angewandte Gerontologie. Interventionen für ein gutes Altern in 100 Schlüsselbegriffen* [Gerontologia aplicada. Intervenções para um bom envelhecimento em 100 conceitos-chave,], Stuttgart 2012.

Moulaert, Thibault / Garon, Suzanne (Hrsg.): *Age-friendly cities and communities in international comparison. Political lessons, scientific avenues, and democratic issues*, Cham 2016.

Nelson, Todd D.: Ageism: the strange case of prejudice against the older you, in: Wiener, Richard L. / Willborn, Steven L. (Hrsg.): *Disability and aging discrimination. Perspectives in law and psychology*, New York 2011.

Öberg, Peter: The absent body – a social gerontological paradox, in: *Ageing & Society* 16(6), 1996.

Öberg, Peter: Image versus experience of the aging body, in: Faircloth, Christopher A. (Hrsg.): *Ageing bodies. Images and everyday experiences*, Walnut Creek 2003.

OECD: *Reforms for an ageing society*, Paris 2000.

Olshansky, S. Jay / Antonucci, Toni / Berkman, Lisa / Binstock, Robert H. / Börsch-Supan, Axel / Cacioppo, John T. / Carnes, Bruce A. / Carstensen, Laura L. / Fried, Linda P. / Goldman, Dana P. / Jackson, James / Kohli, Martin / Rother, John / Zheng, Yuhui / Rowe, John: Differences in life expectancy due to race and educational differences are widening, and many may not catch up, in: *Health Affairs* 31(8), 2012.

Ortlieb, Claus Peter: Bewusstlose Objektivität. Aspekte einer Kritik der mathematischen Naturwissenschaft, in: *Krisis* Nr. 21/22, Bad Honnef 1998. Trad. port.: Objectividade Inconsciente. Aspectos da Crítica das Ciências Matemáticas da Natureza, online: [http://www.obeco-online.org/cpo\\_pt.htm](http://www.obeco-online.org/cpo_pt.htm)

Phillipson, Chris: *Capitalism and the construction of old age*, London 1982.

Pichler, Barbara: Revoltierendes Anerkennen des Alter(n)s. Für eine unzeitgemäße Sicht auf das Alter [Reconhecimento revoltado da velhice (do envelhecimento). Para uma visão fora de moda sobre a velhice], in: *Magazin erwachsenenbildung.at* Nr. 13, auf: erwachsenenbildung.at/magazin/11-13/meb11-13\_04\_pichler.pdf; 2015.

Pleschberger, Sabine: *Nur nicht zur Last fallen. Sterben in Würde aus der Sicht alter Menschen in Pflegeheimen* [Simplesmente não se tornar um fardo. Morrer com dignidade da perspectiva dos idosos em lares de idosos], Freiburg im Breisgau 2005.

Rentschler, Frank: Der Zwang zur Selbstunterwerfung. Fordern und Fördern im aktivierenden Staat [A compulsão à auto-submissão. Exigir e promover no Estado activador], in: *exit! Krise und Kritik der Warengesellschaft* Nr. 1, Bad Honnef 2004.

Ribolits, Erich: *Die Arbeit hoch? Berufspädagogische Streitschrift wider die Totalverzweckung des Menschen im Post-Fordismus* [O trabalho no alto? Panfleto polémico de pedagogia vocacional contra o propósito total do ser humano no pós-fordismo], München 1997.

Rosenmayr, Leopold: Die menschlichen Lebensalter in Deutungsversuchen der europäischen Kulturgeschichte [As idades da vida humana em tentativas de interpretação da história cultural europeia], in: Rosenmayr, Leopold (Hrsg.): *Die menschlichen Lebensalter. Kontinuität und Krisen* [As idades da vida humana. Continuidade e crises], München 1978.

Rosenmayr, Leopold: *Die späte Freiheit. Das Alter – ein Stück bewußt gelebten Lebens* [Liberdade tardia. A velhice – um pedaço de vida vivida conscientemente], Berlin 1983.

Roth, Richard: *Rentenpolitik in der Bundesrepublik. Zum Verhältnis zwischen wirtschaftlicher Entwicklung und der Gestaltung eines sozialstaatlichen Teilbereichs 1957–1986* [Política de pensões na República Federal da Alemanha. Sobre a relação entre o desenvolvimento económico e a concepção de um domínio parcial do Estado Social 1957-1986], Marburg 1989.

Rothermund, Klaus / Anne-Kathrin Maier: *Altersdiskriminierung. Erscheinungsformen, Erklärungen und Interventionsansätze* [Discriminação por velhice. Aparências, explicações e abordagens de intervenção], Stuttgart 2009.

Scholz, Roswitha: *Das Geschlecht des Kapitalismus. Feministische Theorien und die postmoderne Metamorphose des Patriarchats*, Bad Honnef 2011 [2000]. Trad. port. parcial: *O sexo do capitalismo. Teorias feministas e metamorfose pós-moderna do capital*, online; [http://www.obeco-online.org/livro\\_sexo\\_capitalismo.htm](http://www.obeco-online.org/livro_sexo_capitalismo.htm)

Schroeter, Klaus R.: Altersbilder als Körperbilder: Doing Age by Bodification, in: Berner, Frank / Rossow, Judith / Schwitzer, Klaus-Peter (Hrsg.): *Individuelle und kulturelle Altersbilder. Expertisen zum Sechsten Altenbericht der Bundesregierung* [Imagens individuais e culturais da velhice. Pareceres de peritos sobre o Sexto Relatório sobre a velhice do Governo Federal], Bd. 1, Wiesbaden 2012.

Shostak, Stanley: *Becoming immortal. Combining cloning and stem-cell therapy*, Albany 2002.

Sontag, Susan: The double standard of aging, in: *No longer young. The older women in America. Proceedings of the 26th Annual Conference on Aging*, Ann Arbor 1975.

Spindler, Mone: Natürlich alt? Zur Neuerfindung der Natur des Alter(n)s in der Anti-Ageing-Medizin und der Sozialgerontologie [Naturalmente velho? Reinvenção da natureza da velhice e do envelhecimento na medicina anti-envelhecimento e na gerontologia social], in: Dyk, Silke van / Lessenich, Stephan (Hrsg.): *Die jungen Alten. Analysen einer neuen Sozialfigur* [Os idosos jovens. Análises de uma nova figura social], Frankfurt/Main 2009.

Staudinger, Ulrike / Schindler, Ines: Produktives Leben im Alter: Aufgaben, Funktionen und Kompetenzen [Vida produtiva na velhice: tarefas, funções e competências], in: Oerter, Rolf / Montada, Leo (Hrsg.): *Entwicklungspsychologie*, Weinheim 2002.

Stückler, Andreas: Schöne neue Alterswelt? Zum ideologischen Charakter des Active Ageing [Admirável mundo novo da velhice? Sobre o carácter ideológico do Envelhecimento Activo], in: Stöckl, Claudia / Kicker-Fringshelli, Karin / Finker, Susanna (Hrsg.): *Die Gesellschaft des langen Lebens. Soziale und individuelle Herausforderungen* [Die Gesellschaft des langen Lebens. Soziale und individuelle Herausforderungen], Bielefeld 2016.

Stückler, Andreas: »Aktives Altern« und die Krise der Arbeit. Warum die Altersaktivierung die demographische Problematik nicht lösen wird [ "Envelhecimento activo" e a crise do trabalho. Por que a activação da velhice não resolverá o problema demográfico], in: *Soziale Probleme* 28(1), 2017.

Swift, Jonathan: Thoughts on various subjects, in: Swift, Jonathan: *The battle of the books and other short pieces*, London 1886.

Townsend, Peter: The structured dependency of the elderly: A creation of social policy in the twentieth century, in: *Ageing & Society* 1(1), 1981.

Twigg, Julia: The body, gender, and age: feminist insights in social gerontology, in: *Journal of Aging Studies* 18(1), 2004.

Vincent, John A.: Ageing contested: Anti-ageing science and the cultural construction of old age, in: *Sociology* 40(4), 2006.

Vogel, Claudia / Motel-Klingebiel, Andreas (Hrsg.): *Altern im sozialen Wandel: Die Rückkehr der Altersarmut?* [Envelhecimento na mudança social: o regresso da pobreza da velhice?], Wiesbaden 2013.

Walker, Alan: Towards a political economy of old age, in: *Ageing & Society* 1(1), 1981.

Walker, Alan: *A strategy for active ageing*, in: *International Social Security Review* 55(1), 2002.

Warnock, Baroness Helen Mary: em: [thesundaytimes.co.uk/sto/news/uk\\_news/article95499.ece](http://thesundaytimes.co.uk/sto/news/uk_news/article95499.ece).

WHO [OMS]: *Active ageing. A policy framework*, Genf 2002.

WHO [OMS]: *Global age-friendly cities: a guide*, Genf 2007.

Zinn, Howard: *Eine Geschichte des amerikanischen Volkes* [História do povo americano], Berlin 2007.

## NOTAS DO TRADUTOR

[a] Na tradução para Português ambos os termos *Abspaltung* e *Dissoziation* são traduzidos pelo termo *dissociação*.

[b] Em inglês no original, como outras palavras e frases no texto.

[c] O termo usado pelo autor e aqui traduzido por *eu* é *Selbst* (equivalente ao inglês *self*) e não *Ich*. Sobre o *Selbst* diz Leni Wissen, in *A matriz psicossocial do sujeito burguês na crise, exit!* nº 14: "Para este termo existe uma história: Foram as psicologias do ego [*Ich*] e do *self* [*Selbst*], que fizeram um *self* construído de modo idealista a partir do ego de Freud pensado em conflito, *self* que em seguida é considerado de modo simplesmente positivista como dado. Na psicologia do ego e do *self* não há nenhum ego que se desenvolva em conflito. Pelo contrário, o eu ou *self* já está sempre lá, e o que importa é simplesmente apelar aos potenciais de desenvolvimento do *self*, que são inerentes ao *self* caído do céu desde o seu nascimento. Portanto, quem não consegue competir na sociedade do trabalho simplesmente ainda não encontrou nenhuma possibilidade de activar as suas capacidades de autodesenvolvimento."

Original: *Alter(n) und Wert-Abspaltung. Grundrisse einer kritischen Theorie des Alters und Alterns in der warenproduzierenden Gesellschaft*. Publicado na revista *exit! Krise und Kritik der Warengesellschaft* [*exit! Crise e Crítica da Sociedade das Mercadorias*] n° 15, [zu Klampen](#), Abril 2018, p. 173-228. Tradução de Boaventura Antunes

<http://www.obeco-online.org/>

<http://www.exit-online.org/>